



Universidades Lusíada

Rocha, Ana Margarida Godinho, 1997-

Masterplan para um fragmento humanizado de Algés : investigação teórico-prática

<http://hdl.handle.net/11067/6217>

Metadata

Issue Date 2021

Abstract Esta dissertação surge com base no trabalho desenvolvido ao longo do 5.º ano na disciplina de projeto IIIA e nos seus ensaios projetuais (masterplan e bairro arte) em torno de um fragmento da vila de Algés, com o intuito de propor a revitalização, dinamização e humanização do bairro, num território de franja entre dois concelhos com um incompleto património edificado e de valores perdidos. Desta forma, a ideia subjacente é também, pelo olhar da antropologia do espaço, fazer uma leitura interpre...

This dissertation arises based on the work developed over the 5th year in the IIIA project discipline and in its projectual essays (masterplan and art neighborhood) around a fragment of the village of Algés, in order to propose the revitalization, dynamization and humanization of the neighborhood, in a fringe territory between two municipalities with an incomplete built heritage and lost values. As such, the underlying idea is, from the perspective of space anthropology, to make an interpretive ...

Keywords Espaço (Arquitectura), Planeamento urbano - Portugal - Oeiras, Algés (Oeiras, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc., Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés (Oeiras, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.

Type masterThesis

Peer Reviewed yes

Collections [ULL-FAA] Dissertações

This page was automatically generated in 2022-07-22T03:41:16Z with information provided by the Repository



UNIVERSIDADE LUSÍADA
FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES
Mestrado Integrado em Arquitetura

**Masterplan para um fragmento humanizado de
Algés: investigação teórico-prática**

Realizado por:
Ana Margarida Godinho Rocha

Orientado por:
Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Arqt.^a Helena Cristina Caeiro Botelho
Orientador: Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete
Arguente: Prof. Doutor Arqt. Mário João Alves

Dissertação aprovada em: 14 de fevereiro de 2022

Lisboa

2021



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Masterplan para um fragmento humanizado de
Algés: investigação teórico-prática

Ana Margarida Godinho Rocha

Lisboa

Outubro 2021



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Masterplan para um fragmento humanizado de Algés:
investigação teórico-prática

Ana Margarida Godinho Rocha

Lisboa

Outubro 2021

Ana Margarida Godinho Rocha

Masterplan para um fragmento humanizado de Algés: investigação teórico-prática

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e
Artes da Universidade Lusíada para a obtenção do
grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto
Moniz Zúquete

Lisboa

Outubro 2021

FICHA TÉCNICA

Autora Ana Margarida Godinho Rocha
Orientador Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete
Título Masterplan para um fragmento humanizado de Algés: investigação teórico-prática
Local Lisboa
Ano 2021

MEDIATECA DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

ROCHA, Ana Margarida Godinho, 1997-

Masterplan para um fragmento humanizado de Algés : investigação teórico-prática / Ana Margarida Godinho Rocha ; orientado por Ricardo José do Canto Moniz Zúquete. - Lisboa : [s.n.], 2021. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

I - ZÚQUETE, Ricardo José do Canto Moniz, 1963-

LCSH

1. Espaço (Arquitetura)
2. Planeamento urbano - Portugal - Oeiras
3. Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés (Oeiras, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc
4. Algés (Oeiras, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Space (Architecture)
2. City planning - Portugal - Oeiras
3. Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés (Oeiras, Portugal) - Buildings, Structures, etc.
4. Algés (Oeiras, Portugal) - Buildings, structures, etc.
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Dissertations
6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. NA9226.O35 R63 2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um especial agradecimento ao Professor, e meu Orientador, Arquiteto Ricardo Zúquete, o meu primeiro professor de Projeto com quem tive a oportunidade de evoluir ao longo destes anos. Obrigada por todo o apoio, disponibilidade e acompanhamento.

A todos os Professores um agradecimento pela dedicação na transmissão de conhecimento que tanto me ajudou a crescer e a preparar-me para o futuro.

Aos meus Pais, o maior agradecimento de todos pelo carinho, paciência, incentivo e motivação e, acima de tudo, por nunca me deixarem desistir dos meus objetivos.

À minha melhor amiga Marta, obrigada por toda a amizade, apoio e paciência ao longo dos 5 anos de curso e por toda a motivação para o processo de escrita. À Carolina Merca obrigada pela longa e verdadeira amizade. Ainda aos meus amigos Celeste, Patrícia, Nádía e João Barroso obrigada pelos bons momentos e companheirismo durante todo o curso.

“A vida é uma viagem infinita através de um mundo que muda tão rapidamente que sempre parece outro”

Constant. New Babylon, 1974, p. 30

APRESENTAÇÃO

Masterplan para um fragmento humanizado de Algés: investigação teórico-prática

Ana Margarida Godinho Rocha

Esta dissertação surge com base no trabalho desenvolvido ao longo do 5º ano na disciplina de projeto IIIA e nos seus ensaios projetuais (masterplan e bairro arte) em torno de um fragmento da vila de Algés, com o intuito de propor a revitalização, dinamização e humanização do bairro, num território de franja entre dois concelhos com um incompleto património edificado e de valores perdidos. Desta forma, a ideia subjacente é também, pelo olhar da antropologia do espaço, fazer uma leitura interpretativa deste fragmento urbano que permitiria a gestão das práticas coletivas e individuais resolvendo o remate da Avenida dos Bombeiros voluntários de Algés.

O diálogo entre a arquitetura e a antropologia permite produzir um discurso crítico sobre este fragmento de cidade, entrelaçando as dinâmicas sociais com o lugar antropológico, sempre com a consciência de que o protagonista da cidade não é a arquitetura, mas sim o homem.

Palavras-chave: Homem, Arquitetura, Cidade, Antropologia do Espaço

ABSTRACT

Masterplan for an humanized fragment of Algés: theoretical-practical research

Ana Margarida Godinho Rocha

This dissertation arises based on the work developed over the 5th year in the IIIA project discipline and in its projectual essays (masterplan and art neighborhood) around a fragment of the village of Algés, in order to propose the revitalization, dynamization and humanization of the neighborhood, in a fringe territory between two municipalities with an incomplete built heritage and lost values. As such, the underlying idea is, from the perspective of space anthropology, to make an interpretive reading of this urban fragment that would allow the management of collective and individual practices by solving part of the Avenida dos Bombeiros Voluntários in Algés.

The dialogue between architecture and anthropology makes it possible to produce a critical speech on this fragment of the city, intertwining social dynamics with the anthropological place, always bearing in mind that the protagonist of the city is not architecture, but people.

Keywords: Human, Architecture, City, Space Anthropology,

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Impressão da mão esquerda aberta em stencil, Gruta de El Castilho, Santander, Espanha. (Stephen Alvarez, 2019).....	24
Ilustração 2 – Materialização de um corpo em movimento sobre o espaço. Pegadas de Australopithecus, Tanzânia (Mary Leakey, 1976)	26
Ilustração 3 – Transformação da paisagem, “A line made by walking”, (Richard Long, 1967)	26
Ilustração 4 - Pinturas no interior da gruta de Lascaux. (National Geographic, 2018).	28
Ilustração 5 – “Figura rupestre. O rosto está rodeado de pontinhos que possivelmente representam palavras ou ideias”. (Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 30).....	29
Ilustração 6 - Pictogramas da gruta de Lascaux ([Adaptado a partir de:] Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 34).	29
Ilustração 7 – Dinâmicas de um sistema complexo, Gravura rupestre, Bedolina, Val Camonica, 10000 a.C planta de uma aldeia. (Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 41)....	29
Ilustração 8 - Planta da gruta de Lascaux, ([Adaptado a partir de:] Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 33).	30
Ilustração 9 - Secção A-A, Estereotómico, ([Adaptado a partir de:] Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 33).	30
Ilustração 10 – Gruta de Lascaux, sala dos touros, (National Geographic, 2018)...	31
Ilustração 11 – Origens da arquitectura, a necessidade de um abrigo, (Antonio Averlino)	32
Ilustração 12 - Cabana primitiva Vitruviana, (Marc-Antoine Laugier, 1755).....	32
Ilustração 13 - Zigurate de Ur. (Desenho, The British Museum).....	35
Ilustração 14 - Acrópole (Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 194).....	36
Ilustração 15 – Projetar para o homem. “Mirror Maze”, Es Devlin, (Dezeen, 2016)	39
Ilustração 16 – Interior do Panteão de Roma. (Giovanni Paolo Panini, 1734).....	40
Ilustração 17 – Casa em Monsaraz, Aires Mateus (João Guimarães, 2019).....	40
Ilustração 18 – Beleza arquitetónica, Peter Zumthor e Álvaro Siza Vieira, ([Adaptado a partir de:] Atmósferas, 2019).	41
Ilustração 19 – Deambular. (Ezra Bailey, 2018).	43
Ilustração 20 – “Rendering of Es Devlin’s installation <i>Forest of Us</i> at Superblue Miami. Courtesy of the artist.” (Es Devlin, 2016).	45
Ilustração 21 - Amnésia Urbana, Avenida dos bombeiros voluntários de Algés (Ilustração nossa, 2021).	47
Ilustração 22 – Contracapa da revista Italiana Domenica del Corriere, 16 de dezembro de 1962 (Walter Molino, 1962)	48
Ilustração 23 - “Singoletta” (Walter Molino, 1962).....	48
Ilustração 24 – Capa da revista Italiana Domenica del Corriere, 16 de dezembro de 1962, (Walter Molino, 1962)	48

Ilustração 25 - Paisagem urbana I, (Mario Sironi, 1922).....	50
Ilustração 26 - Paisagem urbana II, (Mario Sironi, 1922).....	50
Ilustração 27 – Paisagem urbana, avenida dos bombeiros voluntários de Algés I, (Ilustração nossa,2021).	50
Ilustração 28 - Paisagem urbana, avenida dos bombeiros voluntários de Algés II, (Ilustração nossa,2021).	50
Ilustração 29 - Interior do Palácio de Cristal, Londres, 1851-1936, ([Adaptado a partir de:] Revista Projeto, 2014).	53
Ilustração 30 – Secção, Panteão de Roma (Francesco Piranesi, 1790)	53
Ilustração 31 – Planta, Panteão de Roma, (Georg Dehio, Gustav von Bezold)	53
Ilustração 32 - Igreja Barroca de São Carlos de Borromini, 1630.....	54
Ilustração 33 - Edifício da Associação de Proprietários de Moinhos de Le Corbusier, 1950, (Motaleb architekten).....	54
Ilustração 34 - Espaço (1630) e antiespaço (1954), ([Adaptado a partir de:] Steven Kent Peterson. 2018, p. 1). a. Planta do piso térreo, igreja de São Carlos nas quatro Fontes, Francesco Borromini, Roma, Itália, 1630 b. Planta do piso 1, Edifício da Associação de proprietários de Moinhos, Le Corbusier, Ahmedabad, Índia, 1954... ..	55
Ilustração 35 - Interior da igreja de São Carlos e do edifício da Associação de proprietários de Moinhos	55
Ilustração 36 – Croquis de Le Corbusier que ilustram os cinco pontos de uma nova arquitetura, 1926. (Peterson, 2018, p. 4).....	56
Ilustração 37 – Villa d’Este, Tivoli, Piero Ligorio, 1560-1575 (Peterson, 2018, p. 23)	57
Ilustração 38 – Anti-Espaço (Peterson, 2018, p. 23)	57
Ilustração 39 – Palmanova, Itália, Século XVI	57
Ilustração 40 – Ville Radieuse, (Le Corbusier,1933).....	57
Ilustração 41 - Villa Rotonda, (Palladio, 1571).	57
Ilustração 42 – Brick country house, (Mies van der Rohe, 1923).	57
Ilustração 43 - Um lugar antropológico, Universidade Lusíada de Lisboa. (Ilustração nossa,2021).	58
Ilustração 44 - Colagem, Viajantes num não-lugar da sobremodernidade (Ilustração nossa, 2021).	60
Ilustração 45 - Colagem, O Viajante à procura de sentido num mundo do excesso de referências (Ilustração nossa, 2021).	63
Ilustração 46 - Colagem, viajantes no espaço virtual. ([Adaptado a partir de:] Barozzi Veiga, neanderthal museum,piloña).	63
Ilustração 47 - Homogeneização cultural, “Memory Place”, (Es Devlin, 2019).	65
Ilustração 48 – Entre o céu e a Terra, franja entre dois mundos (Ilustração nossa, 2021).	68
Ilustração 49 – Macro escala, ([Adaptado a partir de:] Google Earth, 2021).	69
Ilustração 50 – Praça de touros, 1895-1974. (Arquivo municipal de Oeiras).....	70

Ilustração 51 - Cronologia dos principais elementos geradores de dinâmicas urbanas em Algés entre os séculos XIX, e XX. (Ilustração nossa, 2021).	71
Ilustração 52 - Viaduto de acesso à praia de Algés, 1917. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).	72
Ilustração 53 - Tecido urbano em 2020 com sobreposição da antiga ribeira de Algés e o rio em 1935. ([Adaptado a partir de:] Google Earth, 2021).	73
Ilustração 54 - Antiga estrada da carapuça e atual avenida dos bombeiros voluntários de Algés. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).....	74
Ilustração 55 - Exterior do Lavadouro de Algés, 1941. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).....	74
Ilustração 56 - Interior do Lavadouro, 1941. (Arquivo Municipal de Oeiras).....	74
Ilustração 57 - Planta das portas de Algés, 1908. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).....	75
Ilustração 58 - Antigas Pontes de Algés. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras). a. Ponte do viaduto. b. Ponte da estrada real. c. Ponte de Algés (1608).	75
Ilustração 59 - Algés, vista aérea, 1933 e 2020. (Arquivo Municipal de Oeiras).	76
Ilustração 60 - Evolução do traçado urbano da baixa de Algés. (Ilustração nossa, 2021). a. Traçado urbano 1935. b. Traçado urbano 2020.	76
Ilustração 61 - Diagrama do edificado. (Ilustração nossa, 2021). a. 1935. b. 2020..	77
Ilustração 62 –Ambientes, Portas de Algés. (Ilustração nossa, 2021).....	78
Ilustração 63 – Uma colagem como veículo do imaginário. (Ilustração nossa, 2021).	79
Ilustração 64 - Diagrama do edificado, Baixa de Algés. (Ilustração nossa, 2021)....	80
Ilustração 65 - A avenida como um elemento estruturante do sistema, cardo, decumano. (Ilustração nossa, 2021).	80
Ilustração 66 - Traçado urbano da baixa de Algés com indicação da área de intervenção. (Ilustração nossa, 2021).	81
Ilustração 67 – Topografia. (Ilustração nossa, 2021).....	81
Ilustração 68 – Malha conceptual. (Ilustração nossa, 2021).....	81
Ilustração 69 – Área de estudo. (Ilustração nossa, 2021).....	82
Ilustração 70 - Proposta Bairro Arte. (Ilustração nossa, 2021).	83
Ilustração 71 - Bairro Arte. (Ilustração nossa, 2021).....	84
Ilustração 72 – Implantação. (Ilustração nossa, 2021).	85
Ilustração 73 – Secção A-A´.(Ilustração nossa, 2021).....	85
Ilustração 74 - Secção B-B´.(Ilustração nossa, 2021).....	85
Ilustração 75 – Jardim, proposta. (Ilustração nossa, 2021).	86
Ilustração 76 - Secção A-A´. (Ilustração nossa, 2021).....	86
Ilustração 77 - Secção C-C´. (Ilustração nossa, 2021).	86
Ilustração 78 - Planta do piso térreo. (Ilustração nossa, 2021).....	87
Ilustração 79 - Secção D-D´. (Ilustração nossa, 2021).	87

Ilustração 80 - Secção E-E'. (Ilustração nossa, 2021).....	87
Ilustração 81 – Ensaios. (Ilustração nossa, 2021).	88
Ilustração 82 - Estereotómico e tectónico (Ilustração nossa, 2021).	88
Ilustração 83 - Mausoléu para Newton, Etienne-Louis Boullée, Capela Bruder Klaus, Peter Zumthor e casa e estúdio no México de Luis Barragán como estímulo. (Ilustração nossa, 2021).	89
Ilustração 84 – Maqueta de estudo. (Ilustração nossa, 2021).	90
Ilustração 85 – Referências (Ilustração nossa, 2021).....	90

SUMÁRIO

1. Prefácio.....	19
1.1. Objeto	19
1.2. Intenções	20
1.3. Metodologia	21
2. Homem, arquitetura e cidade	23
2.1. O despertar da humanidade.....	24
2.1.1 Ser criativo – Memórias antropológicas.....	27
2.2. Origens da arquitetura e da cidade	32
3. Arquitetura e a antropologia do espaço – Diálogo	39
3.1. A cidade pelo olhar da antropologia do espaço.....	43
3.1.1. O Automóvel como consumidor de espaço	46
3.2. Do espaço ao lugar.....	51
3.3. O lugar antropológico	58
3.4. “Não-lugares”	60
3.4.1. O Espaço Virtual.....	63
4. Proposta masterplan	67
4.1. Contexto histórico	69
4.2. Bairro Arte.....	79
5. Posfácio	91
Referências	93

1. PREFÁCIO

1.1. OBJETO

Esta dissertação surge com base no trabalho desenvolvido ao longo do 5º ano na disciplina de projeto IIIA e nos seus ensaios projetuais (masterplan e bairro arte) em torno de um fragmento da Vila de Algés, com o intuito de propor a revitalização, dinamização e humanização do bairro, num território de franja entre dois concelhos com um incompleto património edificado e de valores perdidos. Desta forma, a ideia subjacente é, pelo olhar da antropologia do espaço, fazer uma leitura interpretativa deste fragmento urbano que permitiria a gestão das práticas coletivas e individuais resolvendo o remate da Avenida dos Bombeiros voluntários de Algés. Propomos uma teia de acontecimentos entre o homem e o espaço urbano através da ideia de percurso de Le Corbusier, que vai ao encontro de um contexto topográfico que se criou, saindo do plano para uma tridimensionalidade habitada que oferece um ambiente atraente para a criatividade por intermédio das experiências sociais como uma grande Ágora. O programa manifesta-se em diferentes planos, tudo isto posicionado numa cenografia histórica.

O diálogo entre a arquitetura e a antropologia permite produzir um discurso crítico sobre este fragmento de cidade, entrelaçando as dinâmicas sociais com o lugar antropológico, sempre com a consciência de que o protagonista da cidade não é a arquitetura, mas sim o homem. Após a análise antropológica na relação com o espaço urbano tentamos apresentar respostas a partir da linha de pensamento de Edward T. Hall e Marc Augé, sendo esta o pilar para produzir um discurso crítico e um projeto válido tendo em conta a complexidade deste fragmento em estudo. Como refere Marc Augé, “teremos de prestar atenção às mudanças que afectaram as grandes categorias através das quais os homens pensam a sua identidade e as suas relações recíprocas” (Silvano, 2017, p. 96), devendo a cidade contemporânea ser analisada com base nesse mesmo objeto da antropologia, ao invés de se pensar a mesma apenas olhando à forma arquitetónica em detrimento do uso e modo como corresponde às necessidades do homem.

É necessário termos cidadãos locais a habitar os centros da cidade e, ao mesmo tempo oferecer condições para que artistas internacionais e não só, possam cruzar ideias com esses habitantes, envolvendo-se assim num ambiente urbano multicultural onde a partilha de experiências e circulação de ideias e pensamentos é fundamental. É isto que faz da cidade um centro dinâmico de criatividade onde é possível trocar e

receber várias perspetivas do mundo. Nas palavras de Charles Landry, “uma cidade vibrante emerge da complexidade e das diferenças” (Landry, 2017), onde “indivíduos pertencentes a culturas diferentes não só falam línguas diferentes, mas, o que é sem dúvida mais importante, habitam mundos sensoriais diferentes”(Hall, 1986, p. 13).

1.2. INTENÇÕES

A paisagem de uma cidade é feita das dinâmicas de vida das pessoas e por isso é necessário requalificar este espaço urbano de modo a gerar mais e melhor dinâmica urbana no bairro. Neste sentido, a procura de soluções para a reabilitação deste património edificado e do espaço público irá contribuir para a resolução da paisagem banalizada deste fragmento, dando-lhe um novo significado, respeitando o seu passado. É fundamental aumentar a diversidade funcional das ruas, promover o desenvolvimento da economia local, fortalecer áreas de residências e entender o lugar enquanto parte do futuro da cidade e de património a requalificar.

Enfrentamos nos dias de hoje um mundo cada vez mais desconectado das suas relações sociais, mas mais conectado que nunca à tecnologia e ao digital. Este é um dos maiores desafios para pensar a requalificação da cidade, na medida em que o novo mundo digital oferece-nos o conforto de estarmos nas nossas casas, adormecidos, onde um *smartphone* permite que à distância de um clique se façam compras, que se encomende refeições, que se trabalhe entre outros. As relações sociais passam a ocorrer mais frequentemente com recurso a mensagens, telefonemas ou Skype e o contacto humano torna-se cada vez mais excepcional. Tudo isto cria uma grave crise relacional da sociedade onde o espaço social e urbano deixa de ser o centro das trocas de experiências sociais, mas sim um espaço desmaterializado. A própria memória coletiva desvanece na medida em que a troca de ideias e pensamentos se torna menos frequente ao mesmo tempo que se instala este individualismo enquanto nova configuração de valores modernos, colocando a soberania do indivíduo em relação a si mesmo acima de tudo o resto (neste sentido considera Gilles Lipovetsky que estamos perante uma conceção diferente e não equivalente de egoísmo, mas sim perante uma ideia de liberdade individual¹).

¹ Entrevista disponível em https://www.youtube.com/watch?v=FuA_rii0ySs

Assim sendo, uma das nossas intenções com o presente ensaio é também perceber de que modo podemos fazer com que o homem volte a criar laços com a cidade, sendo atraído para o espaço urbano.

Nesta perspetiva, pretende-se neste trabalho perceber e aprofundar esta problemática através de uma reflexão crítica e cuidada investigação, compondo um documento e um discurso crítico sobre esta investigação neste fragmento urbano suspenso num abandono de sentido, entender as suas fragilidades atuais e as suas potencialidades urbanas e sociais, interpretando-as pela apresentação de novos conceitos num desenho de uma proposta projetual consciente para a revitalização deste bairro através de inovadoras dinâmicas sociais e outros desenhos urbanos que configurem uma renovada coerência e sentido.

1.3. METODOLOGIA

Os artigos “A cidade sem qualidades” e “A Natureza Humana”, ambos da autoria do Arquiteto Ricardo Zuquete, serviram como ponto de partida para dar lugar a esta investigação teórico-prática sobre um fragmento humanizado de Algés.

Assim, numa primeira fase procurou-se entender o homem e a forma como este se relaciona e interage com o espaço, analisando o próprio desenvolvimento humano desde os seus primórdios até à atualidade e o modo como essa evolução impactou a origem e desenvolvimento das cidades, tendo por base diversos escritos e ilustrações de apoio.

Tendo em consideração essa análise, fez-se o levantamento e reconhecimento do lugar em estudo, através de idas ao mesmo de forma a perceber as suas dinâmicas, em termos sociais e urbanos, analisando então a história do local através do olhar da antropologia do espaço, permitindo assim a reflexão crítica e analítica deste espaço urbano na fronteira com a cidade de Lisboa.

Tendo em conta as intenções pretendidas para esta investigação, dividiu-se a dissertação nos capítulos que se seguem de modo a providenciar uma ideia mais clara sobre a nossa visão.

2. HOMEM, ARQUITETURA E CIDADE

Como teremos oportunidade de analisar, desde os primórdios da humanidade verifica-se que espaço e homem são indissociáveis, sendo parte de um mesmo sistema em que ambos interagem. É aliás esta consciencialização do espaço que o rodeia, que permite ao homem interpretar e transformar o espaço à sua medida. Tanto assim é que podemos verificar que os ambientes criados pelo homem variam também à medida da sua experiência. Neste sentido refere Edward T. Hall que “grande parte do sucesso arquitectónico de Frank Lloyd Wright liga-se ao facto de ele ter reconhecido a diversidade que caracteriza os indivíduos na sua experiência com o espaço” (Hall, 1986, p. 65) na medida em que o seu principal objetivo era então ampliar a experiência sensorial do espaço, permitindo aos que dele usufruíam criar uma relação direta com o mesmo.

Ainda neste âmbito e enquanto espécie extremamente social, veremos também que parte da sobrevivência do Homem é associada à sua integração como membro de uma comunidade, começando por se refugiar em cavernas para mais tarde se fixar de forma mais estável num território, construindo cabanas e abrigos para se aquecer e proteger dos predadores e mais tarde levando ao aumento de grupos humanos e criação de espaços urbanos mais complexos. Da organização de pequenas aldeias até às pequenas e grandes cidades forma-se a sociedade e formas diferentes de experienciar e conviver na mesma.

O diálogo entre espaço e homem é um pilar sólido da arquitetura e a consideração do mesmo na construção de cidades, que devem ser dirigidas e pensadas para aqueles que nela habitam, poderá resultar assim em enormes benefícios para o homem e sociedade. Neste sentido, podemos considerar que “é um erro monumental tratar o homem à parte como se ele constituísse uma realidade distinta da sua habitação, das suas cidades, da sua tecnologia ou da sua linguagem” (Hall, 1986, p. 213) ou mesmo considerar que o homem se distingue ou separa do seu ambiente.

2.1. O DESPERTAR DA HUMANIDADE



Ilustração 1 – Impressão da mão esquerda aberta em stencil, Gruta de El Castillo, Santander, Espanha. (Stephen Alvarez, 2019)

O Homem é uma espécie extremamente criativa e social com tendência para imaginar ficções coletivas, capaz de “interagir com o ambiente e de o modificar de algum modo em seu proveito” (Benevolo e Albrecht, 2002, p. 13).

Durante o longo inverno paleolítico² o Homem vivia ainda no caos natural com uma vida frágil e repleta de incertezas. Não existiam ainda civilizações, apenas pequenos grupos nómadas a deambular pelos bosques da eurásia a tentar sobreviver num mundo perigoso e hostil. No entanto, com base na leitura antropológica de Vitruvius e do historiador Yuval Harari tudo muda quando os nossos antepassados aprenderam a controlar o fogo e começam a utilizá-lo como tecnologia. Neste sentido, Vitruvius, há cerca de 2000 anos atrás afirmou que

“os homens, segundo o primitivo modo de vida, nasciam como feras nas florestas, cavernas e bosques, passando a vida a alimentar-se de produtos campestres. Durante esse tempo, em determinado lugar, árvores agitadas e oprimidas pelas tempestades e pelos ventos, friccionando repetidamente entre si os ramos, provocaram o fogo; amedrontados com o ímpeto de tal chama, aqueles que se encontravam perto desse lugar puseram-se em fuga. Mais tarde, apaziguado este fenómeno, aproximaram-se e dando conta da grande vantagem para os corpos em estar junto desse calor do fogo, ajuntando lenha e mantendo-o aceso, chamaram outros, e dando-o a entender por sinais, descobriram o proveito que daí poderiam retirar.” (Vitruvius, 2009, p. 71)

² O paleolítico é o período da história que começa há 2,5 milhões de anos e que vai até 10 000 a.C.

Pensa-se que há 800 000 de anos o homem primitivo começou a utilizar o fogo ocasionalmente e só 500 000 anos depois percebeu as mais valias da sua utilização diária para as suas necessidades básicas aumentado assim as suas hipóteses de sobreviver o que, por consequência, acabou por transformar o homem e a humanidade. O fogo foi um sinal de poder, tendo oferecido ao homem a capacidade de transformar a realidade, de criar luz, calor, de modelar o ambiente para os seus próprios fins, de se proteger contra os predadores e de passar a ser um ser social. Deixou de ser presa para passar a ser caçador passando finalmente a ter a possibilidade de criar um novo mundo e de ser livre. O fogo permitiu desta forma criar um futuro para o ser humano onde, à volta de uma fogueira, se criou um lugar de encontro com outros homens para se aquecerem, cozinharem, partilharem histórias e assim dando origem à unificação da humanidade.

Contudo, “a maior vantagem do fogo era o facto de permitir cozinhar” (Harari, 2020, p. 24) na medida em que os alimentos ao serem cozinhados transformavam-se, o que possibilitou ao ser humano obter mais energia através deste novo tipo de alimentação que lhe permitia agora absorver mais nutrientes o que, conseqüentemente, gerou um aumento de peso do cérebro e o desenvolvimento do córtex, levando assim a uma evolução das capacidades cognitivas. Deste modo, o homem ao crescer no útero com um cérebro mais desenvolvido e, conseqüentemente, maior fez com que o parto se tornasse mais difícil, tornando-se deste modo o único ser na terra a necessitar de ajuda para dar à luz. Assim sendo, é possível afirmar que tudo isto contribuiu também para o extraordinário desenvolvimento das capacidades sociais uma vez que uma mãe no mundo paleolítico dificilmente conseguiria caçar e depois alimentar um filho sozinha, dando assim origem à colaboração social sendo fundamental “uma tribo para criar um ser humano. Como tal, a evolução favoreceu os que eram capazes de formar laços sociais mais fortes.” (Harari, 2020, p. 21). O despertar da humanidade começa assim, quando o homem utilizou um simples truque para controlar o mundo natural - o fogo.

Antes do homem se ter fixado num território, de ter a capacidade de domesticar animais, plantas e assim transformar a Terra, era um simples nómada recolector que balanceava entre as árvores atravessando espaços infinitos, vazios e irracionais para sobreviver, sem “casa” fixa e sem criar uma relação afetiva com o lugar. Mudava-se “todos os meses, todas as semanas e, por vezes, todos os dias, carregando o que tinha às costas” para se adaptar às circunstâncias ambientais (Harari, 2020, p. 61).

A capacidade natural que o homem tem de caminhar pelo território deve-se à capacidade de o saber ler através de um pensamento espacial que tem desde a sua origem. Andar é uma manifestação das suas habilidades cognitivas e criativas que permitiu que o homem habitasse o mundo, por “saber ver lugares no vazio” e desta forma, criando uma nova ordem no vazio caótico e irracional, transformando, de forma inconsciente, a paisagem paleolítica pela sua presença física no espaço. “À passagem do corpo, os espaços nunca mais serão os mesmos” (Espacialistas, 2018). Por tudo isto, o caminhar permitiu transformar física e simbolicamente o espaço criando lugares, racionais e geométricos através do percurso. Na perspetiva de Francesco Careri as “origens da humanidade é uma história do caminhar, é uma história de migrações de povos e de intercâmbios culturais e religiosos ocorridos ao longo de trajetos intercontinentais.” Desta forma, a apropriação e mapeamento do território deve-se “às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitaram a terra” (Careri, 2018, p. 44).



Ilustração 2 – Materialização de um corpo em movimento sobre o espaço. Pegadas de *Australopithecus*, Tanzânia (Mary Leakey, 1976)



Ilustração 3 – Transformação da paisagem, “A line made by walking”, (Richard Long, 1967)

O percurso foi, desta forma, a primeira manifestação antrópica, um espaço anterior ao espaço arquitetónico onde “a arquitectura ainda não existia como construção física do espaço, mas existia - dentro do percurso – como construção simbólica do território” (Careri, 2018, p. 31).

2.1.1 SER CRIATIVO – MEMÓRIAS ANTROPOLÓGICAS

É de facto evidente que o simples ato de caminhar, de observar o território e de pensar possibilita ao homem, desde a sua existência, qualquer tipo de criação, desde as mais simples pinturas gravadas no interior de uma gruta há 20 000 anos que representavam os seus pensamentos e memórias, até à criação das megacidades contemporâneas e assim levando à sua distinção dos outros seres vivos. O Homo sapiens³ (Homem sábio) do período paleolítico superior (35.000 – 10.000 a.C.), apesar de ser ainda um homem das cavernas, “com uma clara racionalidade, embora pouco desenvolvida”(Baeza, 2018, p. 59) possuía já a sensibilidade e a capacidade extraordinária de se relacionar com os lugares que habitava, de os observar, interpretar e depois representar metaforicamente num suporte físico através de fascinantes pinturas que nos revelam hoje a complexa relação e consciência que tinham do espaço sendo desta forma, necessário reconhecer a importâncias destas memórias antropológicas, para percebermos como é que o homem percecionava o mundo neste período. Neste sentido, Yuval Harari afirma então que para que o homem compreenda a sua natureza, a sua história e a sua psicologia, deve entrar na cabeça dos seus antepassados caçadores recolectores (Harari, 2020, p. 57).

Na mesma ordem de ideias, através destas simples pinturas rupestres, já com alguma noção de escala e profundidade, inconscientemente, o homem comunicou através do tempo enviando mensagens às gerações seguintes.

“Estas mensagens pintadas são a expressão de um ser inteligente, que expressa essa inteligência artisticamente, numa linguagem pictórica seguramente muito mais evoluída que a sua linguagem vocal” (Zuquete, 2014, p. 108).

³ O Homo sapiens, da espécie sapiens (sábio) do género homo (Homem) surgiu há cerca de 100 000 anos.



Ilustração 4 - Pinturas no interior da gruta de Lascaux. (National Geographic, 2018).

Expressava-se poeticamente pela pintura muito antes de dominar a oralidade. Estes fascinantes registos qualificavam os primeiros refúgios estáveis do homem e “testemunham o dinamismo dos grupos humanos nessa época” (Benevolo, e Albrecht, 2002, p. 21). Uma das teorias possíveis para explicar estes momentos esporádicos de criatividade podem, aliás, ser os picos demográficos que iam surgindo e que “tenham desencadeado contacto entre grupos, acelerando a transmissão inovadora de ideias de uma mente para outra, criando uma espécie de cérebro colectivo”⁴. Assim, as pinturas e artefactos que, à data, poderiam parecer-nos meramente rudimentares, representam, na verdade, “um símbolo elaborado por uma mente, partilhável com outros” (Walter, 2019) – a memória coletiva de que falaremos e que será a base da civilização.

O homem expressou-se assim, através de traços que materializaram as suas ideias. São estas representações paleolíticas, ainda que num formato muito primitivo, que remeteram para o “futuro mundo da arquitectura” por darem “início a uma aventura da qual emergirão, nas épocas posteriores, as experiências figurativas de toda a espécie, artísticas e técnicas” (Benevolo, e Albrecht, 2002, p. 29). Neste sentido, Benevolo e Albrecht concluem que através destas pinturas

“já se encontravam presentes alguns instrumentos mentais desse trabalho, ou seja, as noções fundamentais: o projecto, a escala, as vistas parciais, que se converterão nas

⁴ WALTER, Chip (2019) “A invenção da expressão simbólica pelos Primeiros Artistas” in <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/347-primeiros-artistas>

plantas, nos alçados, nas secções, nas vistas de conjunto” (Benevolo, e Albrecht, 2002, p. 32).



Ilustração 5 – “Figura rupestre. O rosto está rodeado de pontinhos que possivelmente representam palavras ou ideias”. (Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 30).

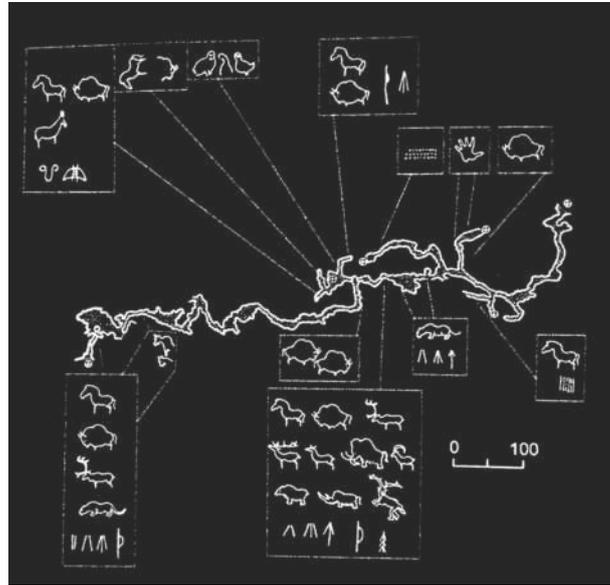


Ilustração 6 - Pictogramas da gruta de Lascaux ([Adaptado a partir de:] Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 34).

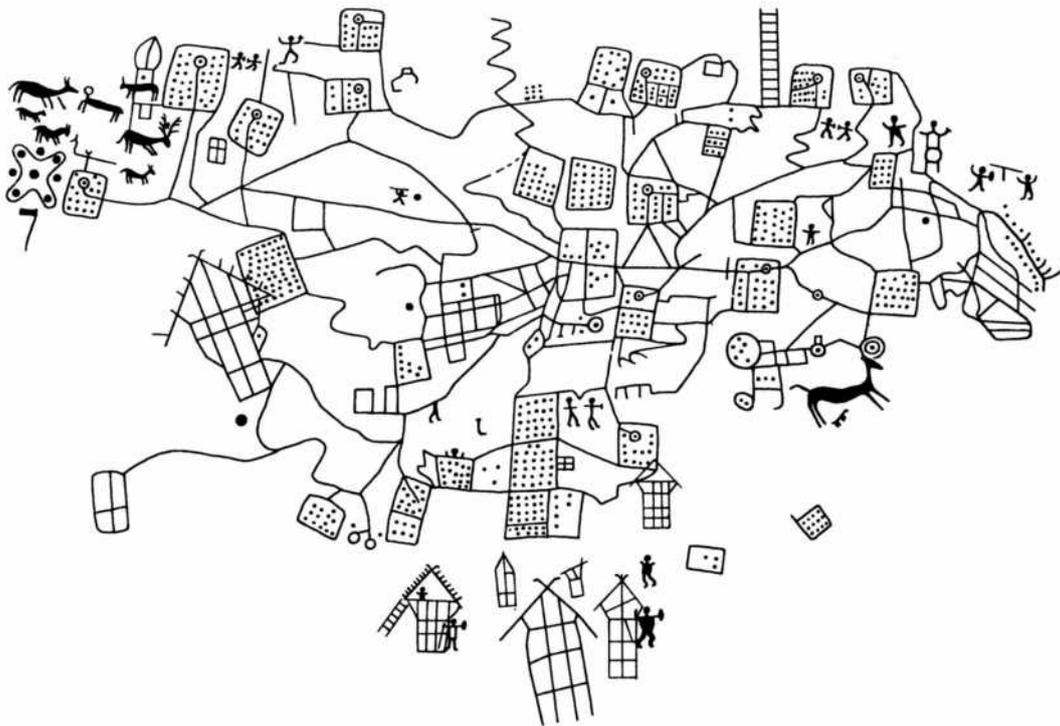


Ilustração 7 – Dinâmicas de um sistema complexo, Gravura rupestre, Bedolina, Val Camonica, 10000 a.C planta de uma aldeia. (Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 41).



Ilustração 8 - Planta da gruta de Lascaux, ([Adaptado a partir de:] Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 33).

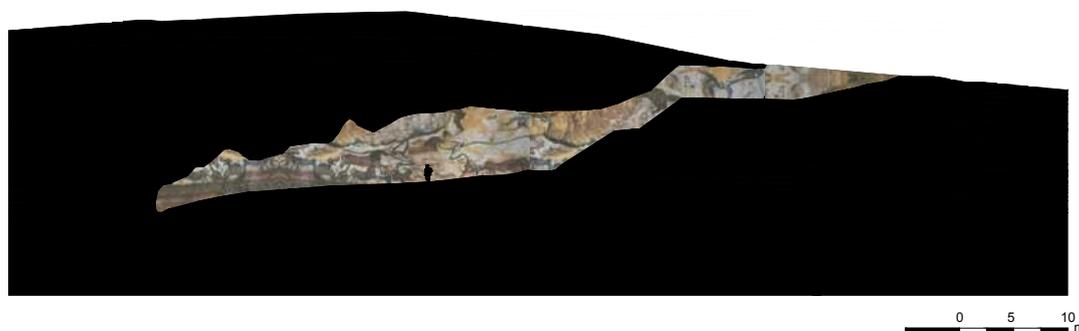


Ilustração 9 - Secção A-A, Estereotómico, ([Adaptado a partir de:] Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 33).

A gruta de Lascaux localizada no sudoeste de França, descoberta em 1940 por um grupo de adolescentes é um dos exemplos notáveis de como as pinturas rupestres nos revelam hoje, através do olhar simplista, a impressionante capacidade de abstração do pensamento do homem primitivo e como este via o mundo no final do paleolítico (France. Ministère de la Culture. Musée d'Archéologie Nationale, 2021 ; Casals, 2018). É, aliás, por isso que “desde há muito que antropólogos se dedicam ao estudo analítico da arte rupestre como representação da visão e relacionamento entre o Homem e o seu habitat” (Zuquete, 2014, p. 107), representação essa que começa por ser feita de forma genuína e simples (podendo, como diz o autor, ser atribuível a uma criança), evoluindo mais tarde para uma conceção ou representação com maiores noções “de escala e profundidade, indicando uma consciência mais complexa e completa do espaço habitável” (Zuquete, 2014, p. 108). É assim fundamental que se entenda a mente do Homem primitivo de forma a compreender o modo como nos relacionávamos e coabitávamos com o espaço, assim se reconhecendo a importância das memórias antropológicas.



Ilustração 10 – Gruta de Lascaux, sala dos touros, (National Geographic, 2018)

2.2. ORIGENS DA ARQUITETURA E DA CIDADE

“Devido à extraordinária descoberta do fogo nasceu o encontro, a reunião e a sociedade. Alguns homens começaram a construir habitações cobertas de folhagens, outros a escavar cavernas sob montes, e alguns a imitar ninhos de andorinhas (Vitruvius, 2009, p. 71)

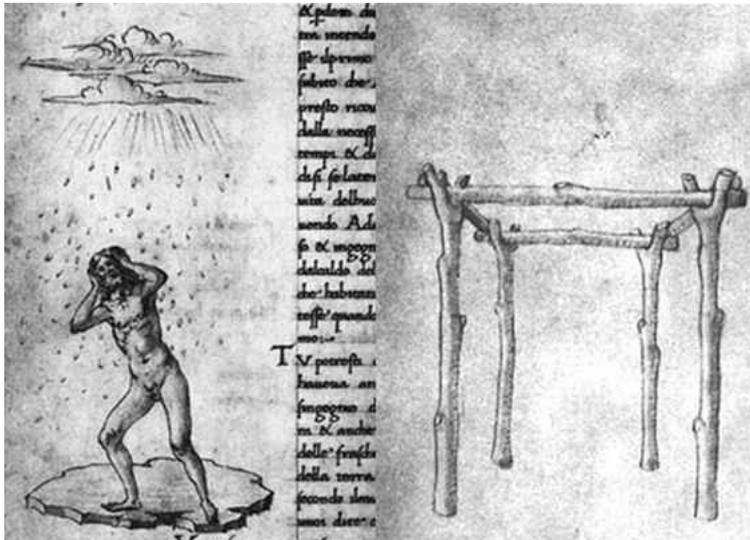


Ilustração 11 – Origens da arquitectura, a necessidade de um abrigo, (Antonio Averlino)



Ilustração 12 - Cabana primitiva Vitruviana, (Marc-Antoine Laugier, 1755)

Foi durante a “primavera neolítica” que surgiram todas as condições para que o homem tomasse consciência de que era livre para eleger o sítio que queria habitar, deixando de ser um nómada caçador-recolector que caminhava pelo mundo e se refugiava nas cavernas (o estereotómico) para se proteger do frio, da chuva e do ataque de animais, para se fixar num território de maneira estável, modelando-o através da criação de espaços destinados à produção agrícola, à criação de animais e zonas de abrigo - a cabana ancestral (o tectónico). Desta forma, “a capacidade de criação, que na caverna se revelara através da pintura, manifestou-se aqui, [...], pela mais primitiva arquitectura” (Baeza, 2018, p. 59) construindo o tectónico e assim dominando o espaço irracional. O abrigo começa precisamente por ser a base da civilização, ordenando o caos e criando um lugar onde o ser humano se une e cria o seu próprio mundo. Mais do que uma proteção de elementos, o abrigo é um espelho para a condição humana, refletindo o que somos e o que valorizamos, podendo assim ser considerado como o pilar que sustenta o nosso mundo moderno, dele derivando os futuros edifícios e as futuras cidades.

“Assim como os primeiros homens construíram para si habitações e na sua primeira construção procuravam realizar um ambiente mais favorável à sua vida, construindo

um clima artificial, assim também construíram segundo uma intencionalidade estética” (Rossi, 2001, p. 31)

Tudo isto, gerou condições para que houvesse um aumento de grupos humanos num lugar que permitiu o aparecimento de estruturas sociais mais complexas, sendo desta forma que surge um sentimento de pertença a uma comunidade. O mapa de Bedolina (ilustração 7) de há cerca de 10 000 a.C. revela-nos precisamente essa complexa relação e consciência que o homem tinha sobre o território e a sua capacidade de leitura do espaço, o que lhe permitiu decifrar a paisagem e representar as dinâmicas desta aldeia neolítica. É assim possível observar a primeira fase de transformação do espaço, com esta adaptação ao ambiente que o homem faz, tentando equilibrar a envolvente natural com as modificações humanas que produz.

Verificamos assim que ao longo do período paleolítico o homem adaptava a sua vida ao ambiente, não era sedentário, mas a partir do neolítico o homem adapta o ambiente à sua vida, começando a transformar o território através de pequenas construções. O neolítico é desta forma o equilíbrio entre o natural e o artificial onde o homem se afirma como criador de uma nova dimensão espacial, a dimensão cultural. Assim o homem foi descobrindo o seu lugar no mundo através da criação de um espaço pessoal na natureza. Nas palavras do arquitecto Baeza, “se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar” (Baeza, 2018, p. 60).

Por tudo isto, o homem estava a transformar o mundo e o modo de o experienciar através da construção física e simbólica do espaço – a Arquitectura, que nasce neste período na infância da humanidade⁵ “como necessidade de um espaço de estar em contraposição ao nomadismo, entendido como um espaço de ir” (Careri, 2018 p. 40).

Mais tarde, com a profunda evolução das estruturas sociais, o homem produziu o cenário artificial mais complexo da história da Humanidade, a cidade, palco das relações arquitetónicas e sociais, que permitiu o florescer das grandes civilizações no “Novo Mundo”. Neste sentido, as primeiras cidades surgem no sul da Mesopotâmia, o berço da humanidade, por volta do IV milénio a.C. no território do Crescente fértil⁶ devido à qualidade dos seus terrenos que proporcionaram o desenvolvimento da

⁵ Neste sentido, BENEVOLO, Leonardo & ALBRECHT, Benno afirmam que o período neolítico “assinala o aparecimento da arquitetura: não com uma tentativa arcaica e imperfeita, mas como um empreendimento completo.” p.173

⁶ James Henry Breasted (1865-1935) foi arqueólogo, historiador e o criador da expressão crescente fértil para se referir ao vasto território em forma de meia lua composto pelos vales dos rios Tigre e Eufrates, onde foi possível erguerem-se as primeiras cidades.

agricultura e por consequência um aumento da população. Assim, começaram a surgir “os primeiros edifícios coletivos conscientemente diferenciados das habitações particulares e as primeiras inscrições pictográficas” (Benevolo, e Albrecht, p. 180).

“Do exterior, a cidade apresenta-se como um objecto unitário, colocado no cenário paisagístico ilimitado. Alguns volumes que sobressaem do conjunto urbano e são visíveis de longe – os zigurates mesopotâmicos, as colunas egípcias, e mais tarde as torres, os campanários, as cúpulas – adquirem um carácter emblemático de sinais representativos de toda a cidade.” (Benevolo, e Albrecht, p. 176)

Como já referimos, o homem é um ser com instintos sociais e por isso acabou por “fundar cidades com dezenas de milhares de habitantes e impérios que ditam os destinos de centenas de milhões” (Harari, 2020, p. 41). No entanto, nem sempre foi assim. O Homo Sapiens arcaico só conseguia relacionar-se e sobreviver em pequenos grupos íntimos porque quanto mais um grupo crescia, “a ordem tornava-se instável e o bando dividia-se” (Harari, p. 40). Yuval Noah Harari revela-nos que, com base em estudos sociológicos, para que um grupo de Homo Sapiens conseguisse manter a harmonia social num bando, o número máximo de indivíduos não poderia ser superior a cento e cinquenta (150). Assim, quando o homem começa a explorar e a dominar a dimensão oral associando a mesma às suas capacidades criativas começam a surgir as primeiras realidades imaginadas⁷ o que permitiu o aumento dos grupos humanos. O poder de expressar pensamentos e ideias complexas e de inventar ficções permitiu a partilha das mesmas com os outros - memória coletiva. Os grupos começam a crescer e devido às crenças e mitos comuns tornou-se possível que um grande número de estranhos conseguisse cooperar e trabalhar com êxito gradualmente até chegarmos ao atual mundo da globalização. As primeiras cidades são reflexo da inovação do comportamento social que fez do homem mestre da criação.

“Qualquer cooperação humana em larga escala – seja um estado moderno, uma igreja medieval, uma cidade antiga ou uma tribo arcaica – está enraizada em mitos comuns que existem apenas na imaginação colectiva das pessoas.” (Harari, p. 41)

Os zigurates da mesopotâmia são exemplo claro dessas realidades imaginadas, tendo sido construídos para aproximar os homens aos deuses, enquanto símbolo religioso, funcionando como monumentos de veneração e devoção, mas também como proteção na medida em que, sendo essencialmente montanhas artificiais, permitiam a observação da área circundante. Eram templos da divindade, uma

⁷ Neste sentido, “uma realidade imaginada é algo em que todos acreditam e, enquanto essa crença colectiva persistir, a realidade imaginada exerce uma força sobre o mundo.” p.47

expressão das narrativas humanas onde ficaram gravadas as nossas memórias coletivas. Estas construções da nossa imaginação coletiva proporcionaram um avanço qualitativo no que toca à experiência arquitetónica e foram a ponte para uma nova dimensão das experiências humanas.

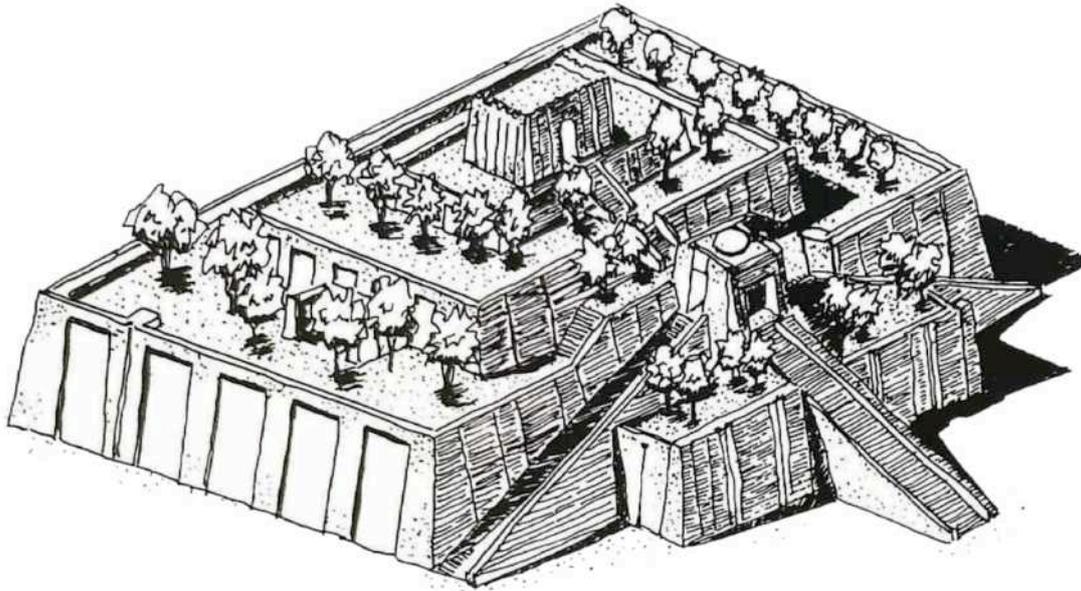


Ilustração 13 - Zigurate de Ur. (Desenho, The British Museum)

“A própria cidade é a memória colectiva dos povos; e, tal como a memória está ligada a factos e a lugares, a cidade é o locus da memória colectiva. Esta relação entre locus e os cidadãos torna-se, pois, a imagem proeminente, a arquitectura, a paisagem; e como os factos estão contidos na memória, à cidade acrescem novos factos.” (ROSSI, Aldo 2001, p. 192)

A cidade de Atenas, por exemplo, já se revela diferente das do Sul da Mesopotâmia onde os templos da divindade ou o palácio do soberano eram os únicos elementos formativos. Em Atenas, para além dos templos, segundo Marcel Poète

“encontramos como elementos geradores de cidades as sedes dos órgãos de uma vida política livre (boulé, ecclesia, aréopago) e os edifícios ligados a exigências tipicamente sociais (ginásios, teatros, estádios, Odeon). Uma cidade como Atenas corresponde a um grau superior da vida humana associada” (Marcel Poète, apud Rossi, Aldo (2001, p. 198)

Atenas é, então, um lugar e uma nação que vai para além da sua forma física, é a passagem da natureza à cultura, onde os seus factos urbanos “coincidem com o desenvolvimento do pensamento e a imaginação torna-se história e experiência.” (Rossi, p. 197). É a morada dos cidadãos onde estes têm uma forte ligação à cidade.

Podemos assim dizer que “a história da cidade é a história da civilização” (Rossi, p. 189). Na mesma ordem de ideias Edward T. Hall afirma ainda que a cidade é uma

“expressão da cultura do povo que a criou, bem como um prolongamento da sociedade destinado a preencher uma rede complexa de funções, das quais, de resto, não nos encontramos muitas vezes por completo conscientes” (Hall, 1986, p. 202)

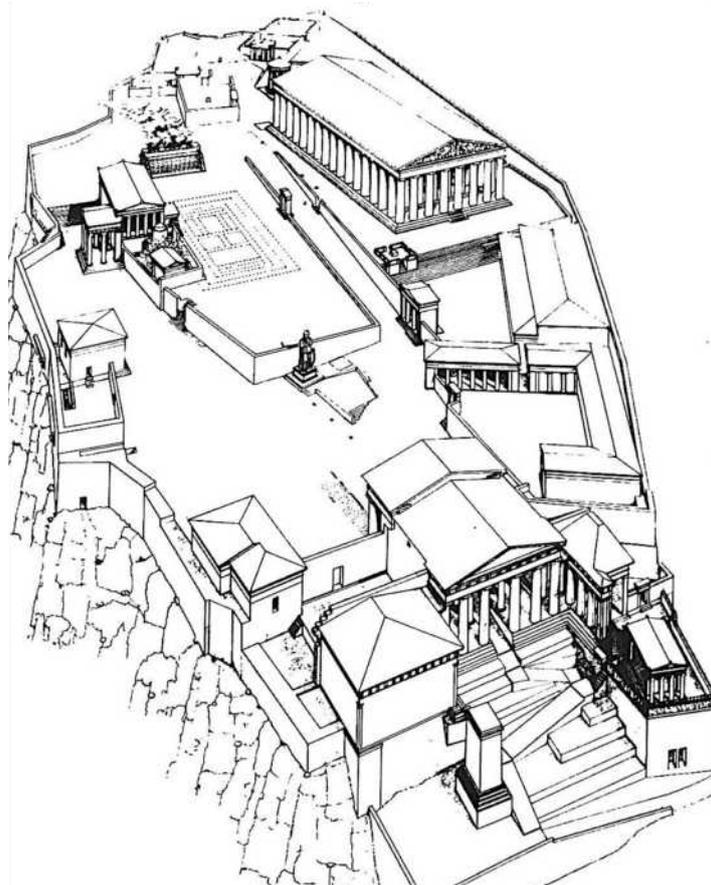


Ilustração 14 - Acrópole (Benevolo, e Albrecht. 2002, p. 194).

A cidade é então o cenário físico que dá forma a uma sociedade⁸, onde a sua paisagem é alimentada pelas dinâmicas de vida das pessoas que nela habitam, num espaço para ser vivido coletivamente. Podemos mesmo entender a cidade como um grande labirinto⁹ em constante metamorfose a ser experimentado, repleto de

⁸ Neste sentido, Leonardo Benevolo considera que a palavra cidade abarca dois sentidos, “para indicar uma organização da sociedade concentrada e integrada [...] ou então para indicar o cenário físico desta sociedade.” É a forma física da cidade que corresponde à organização social. BENEVOLO, Leonardo (2018) *A cidade e o Arquitecto*, Lisboa, Edições 70, p. 15

⁹ A palavra labirinto neste contexto não tem a conotação de desorientação ou dificuldade em encontrar o caminho “certo” sendo antes utilizada na perspectiva de Walter Benjamin que defendia no início do séc. XX a importância do Homem se deixar perder na cidade, deambulando no espaço público e assim se tornando mais consciente daquilo que o rodeia.

possibilidades onde todos têm experiências, perspectivas e percepções diferentes dos mesmos espaços, que oscilam entre luz e sombra.

Desta forma, a cidade contemporânea deve ser pensada nessa perspectiva, oferecendo “a oportunidade de montar um cenário permanente de formas em relevo” convertendo-se “num campo privilegiado da criatividade” (Benevolo, e Albrecht, p. 176) que permite o cruzamento e a partilha de ideias entre indivíduos por cada um ter a sua própria percepção do mundo. Para que isso seja possível é essencial que sejam oferecidos espaços de encontro, para interação em comunidade como praças, teatros, bibliotecas, entre outros, para promover um ambiente de multiculturalidade e de cidadania ativa. Integração é, aliás, um conceito-chave quando pensamos na cidade e em como melhorá-la, sendo desta forma que se quebram barreiras e se criam soluções e oportunidades inclusivas. Por tudo isto, na nossa perspectiva, a leitura da cidade deve ser feita com base no conteúdo social.

O Homem tem uma profunda necessidade de interação social, sendo através dessas interações, enraizadas na sua evolução, que molda a sua personalidade. Assim, é através da vida em sociedade que se geram padrões comportamentais que vão influenciar o próprio funcionamento da cidade. Como refere Aristóteles, “quem não é capaz de participar na vida cidadina, ou não tem necessidade disso, não pode sequer considerar-se propriamente um homem, mas antes um animal ou um deus” (Benevolo, e Albrecht, p. 176).

3. ARQUITETURA E A ANTROPOLOGIA DO ESPAÇO – DIÁLOGO



Ilustração 15 – Projetar para o homem. “Mirror Maze”, Es Devlin, (Dezeen, 2016)

É através dos ambientes e atmosferas imaginados e criados pelos arquitetos, “construtores de espaços reais”, que têm a capacidade de materializar as suas ideias, que o homem experiencia o mundo. Torna-se fundamental nos dias de hoje, devido à rapidez com que o mundo se constrói por consequência do acelerado desenvolvimento tecnológico, que o arquiteto, mais do que nunca, tenha uma maior sensibilidade para compreender o homem, as suas necessidades e o modo como ele se relaciona e vive, aplicando a mesma aos espaços que imaginou e criou. Por tudo isto, sendo o objeto de estudo da antropologia do espaço o homem nas suas dimensões sociais, culturais e biológicas no espaço e considerando que é para o homem que se pensa e se constrói arquitetura, consideramos ser fundamental para a praxis do arquiteto o diálogo interdisciplinar entre estas duas disciplinas.

Vivemos na arquitetura, num mundo que está a ser construído à medida de interesses e não à medida do homem e das suas necessidades reais, existindo atualmente uma crescente banalização da mesma, sem significado, sem valores, sem ideias, repleta de formas vazias, por consequência de uma sociedade cada vez mais individualista e obcecada pela velocidade que, por ignorância, despreza a boa arquitetura. A ausência de ideias reflete-se assim numa arquitetura vã (*“Arquitectura sine idea vana Architectura est”*), sendo exemplo disso os

“ambiciosos projetos de grandes edifícios, do desenho dos especulativos parques imobiliários, ou dos sedutores museus modernos que reconfortam egos e turistas – e tantos outros programas tradicionais e ultrapassados, a tentarem impor-se em cidades de gente que parece recusar-se a entender que o urbanismo com as suas tradições hierárquicas e funcionais está decadente e a ser questionado a cada dia que passa por toda essa mesma gente que usa a cidade.” (Zuquete, 2015, p. 2).

Alberto Campo Baeza, afirma que a “história da arquitetura é uma história de ideias, ideias construídas, de formas que materializam e erguem essas ideias”. Na opinião do arquiteto, as formas arquitetónicas devem traduzir ideias e, para que tal aconteça, é necessário tempo, tempo de estudo, de análise, de reflexão e, principalmente, tempo adequado para construção. No entanto, considera o mesmo, “sendo isto tão claro, nunca a humanidade fez tantos e tamanhos disparates” (Baeza, 2018, p. 28), devendo o futuro olhar para as ideias e a capacidade de as pôr em prática, colocando sempre o homem no centro, “procurando a beleza para dá-la aos Homens”.



Ilustração 16 – Interior do Panteão de Roma. (Giovanni Paolo Panini, 1734).



Ilustração 17 – Casa em Monsaraz, Aires Mateus (João Guimarães, 2019).



Ilustração 18 – Beleza arquitetónica, Peter Zumthor e Álvaro Siza Vieira, ([Adaptado a partir de:] *Atmósferas*, 2019).

Ainda neste sentido, Bruno Zevi, arquiteto, crítico e historiador, tenta também alertar para a evidente ignorância e desinteresse pela arquitetura por parte da sociedade, afirmando que esta tem de facto um maior interesse e relação com outro tipo de artes, como a música, pintura, escultura, teatro, cinema e literatura, pela sua clareza de método o que, por sua vez, permite ao homem maior facilidade a identificar as obras e os seus autores quando comparando com a identificação de um edifício e do seu respetivo arquiteto. O autor refere ainda que os jornais dedicam artigos sobre

exposições, filmes, entre outros, esquecendo por completo obras de arquitetura mesmo que sejam de arquitetos prestigiados. Assim, a própria falta de informação e conhecimento arquitetónico leva por sua vez a um conseqüente desinteresse pela Arquitetura e planeamento urbano, não se distinguindo projetos de valor acrescentado para a cidade de outros banais e sem sentido para a mesma (Zevi, 2020, p. 1). Refere ainda o mesmo autor que “ninguém pode fechar os olhos diante das construções que constituem o palco da vida citadina e trazem a marca do homem no campo e na paisagem”.

O Antropólogo Edward T. Hall refere que é necessário fazer compreender aos arquitetos que o homem deve ser considerado como interlocutor no meio ambiente que o rodeia, “meio ambiente que os urbanistas, os arquitetos e os construtores modelam hoje sem se preocuparem minimamente com as necessidades proxémicas do homem” (Hall, 1986, p. 17). Diz ainda o mesmo autor que a reconstrução das cidades deve precisamente assentar nas necessidades reais do homem e no conhecimento das relações que este tem com o meio ambiente, devendo inclusive ser revista e alargada a nossa conceção da condição humana.

Desta forma e tendo em consideração todas as opiniões acima descritas, compreendemos o quão fundamental é a sensibilidade que o arquiteto deve adquirir face aos saberes antropológicos, da mesma forma que o antropólogo se revela como um atento e interessado observador da forma como se faz arquitetura no mundo contemporâneo. O arquiteto, como criador de espaços, tem de ser capaz de entender que o homem vive de experiências, sendo importante perceber o seu passado, mas interpretá-lo também face às diferenças do mundo contemporâneo. Mais do que nunca, é essencial que o arquiteto compreenda o modo como o homem se relaciona com o espaço, quer no que respeita à sua relação com os outros, mas também com o próprio espaço urbano na cidade. Aliás, consideramos que o arquiteto deve ter um papel ativo na devolução da identidade do homem, no modo como este se relaciona com os espaços criados, assim revertendo a atual tendência de isolamento e solidão criada pela sociedade cada vez mais tecnológica e complexa que nos “afoga” em informações e nos afasta do mundo social.

3.1. A CIDADE PELO OLHAR DA ANTROPOLOGIA DO ESPAÇO



Ilustração 19 – Deambular. (Ezra Bailey, 2018).

A forma incoerente como se pensa e constroem as cidades de hoje, pode criar um desapego e um desrespeito por quem nela vive, pela ausência de identidade no espaço urbano e pelo excesso de referências (por consequência da rapidez a que viaja a informação). Desta forma, a inconsciente banalização da arquitetura, do espaço urbano e das cidades é reflexo da nova sobremodernidade que Marc Augé define como sendo produtora de não-lugares e fruto da superabundância de acontecimentos no mundo contemporâneo, que “congestiona o presente e o passado próximo” devido à descontrolada evolução tecnológica que está a alterar o sentido das cidades e o modo como o homem se relaciona nas mesmas.

Marc Augé, no seu livro “Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da sobremodernidade” contribuiu para a criação de um pensamento antropológico sobre o espaço, onde tenta alertar para a evidente complexidade da nova realidade antropológica e questionar a capacidade que a antropologia tem para observar, interpretar e analisar a cultura e a sociedade atual a partir da ideia de sobremodernidade onde refere que esta depende de três figuras de excesso: o excesso de tempo, porque tudo acontece de forma tão rápida que já nada é acontecimento e a história torna-se atualidade, por isso, na opinião de Filomena Silvano, “organizar o mundo a partir da categoria de tempo deixou de fazer sentido” (Silvano, 2017, p. 100). Em segundo, o excesso de espaço, o mais complexo conceito da sobremodernidade e por fim o excesso de individualismo. Estas três figuras de

excesso estão intrinsecamente ligadas à criação de não-lugares (a destruição do lugar), um espaço incapaz de se definir como identitário, relacional e histórico, contrariamente ao lugar antropológico, como teremos oportunidade de ver.

Posto isto, na nossa perspetiva, é importante nos dias de hoje que o arquiteto compreenda esta ideia de que a sociedade contemporânea vive no abismo do excesso e que isso está a criar uma crise relacional entre o homem e o lugar antropológico – “um território que dá forma a uma identidade coletiva” (SILVANO, Filomena, 2017, p. 95) – principalmente se considerarmos que vivemos num mundo cada vez mais “pequeno” porque atualmente a distância espacial é relativa devido à evolução tecnológica que nos oferece a ideia de que temos o mundo nas palmas das nossas mãos e de que podemos estar em qualquer lugar a qualquer momento, através de pequenos objetos com designs sofisticados que nos seduzem e nos invadem constantemente com imagens e informação ao longo do dia.

Como já referimos, existe uma grande facilidade em adquirir informação e bens, já não sendo necessário sair da intimidade e conforto das nossas casas para fazer compras, trabalhar, nem para ir a uma biblioteca consultar livros ou até mesmo comunicar com outras pessoas. Seja em que parte do mundo for, basta possuir um smartphone, um laptop ou um tablet para que em segundos se “viaje” pelo mundo e se “conheçam” lugares que nunca experienciámos como as grandes capitais, museus, projetos arquitetónicos, entre outros a partir de imagens. A facilidade de acesso às coisas, através de um simples clique se, por um lado, nos aproxima ainda que virtualmente, por outro lado está a criar uma sociedade cada vez mais isolada do mundo real onde as suas interações sociais e espaciais passam a ser feitas de forma indireta e que “compõem diante dos nossos olhos um universo relativamente homogéneo na sua diversidade.” (Augé, 2016, p. 33). Também os transportes rápidos permitiram a facilidade de transferências de pessoas para qualquer parte do mundo em poucas horas, o que dá origem a novas concentrações urbanas e multiplicação de referências. Este excesso de espaço, característico da sobremodernidade permite-nos perceber “que estamos na era das mudanças de escala, em termos de conquista espacial” (Augé, 2016, p. 32) e que isso se exprime na fácil mobilidade de pessoas, bens e de informação. Estas transformações aceleradas são próprias do mundo contemporâneo, mas, se não forem controladas, podem levar a um mundo inabitável.

Podemos assim observar que as três figuras de excesso estão efetivamente ligadas: o excesso de tempo e espaço criam excesso de individualismo na medida em que

cada vez mais dependemos menos uns dos outros e criamos menos relações, estando mais isolados. Com o excesso de espaço, por força da mobilidade de pessoas, bens e informação, existente neste mundo mediático, passamos a estar envolvidos em tudo o que acontece ainda que aconteça num lugar distante, assim verifica-se uma “diluição de referências coletivas de grupo” (Zuquete, 2015, p. 8), dando por sua vez origem ao individualismo contemporâneo, o terceiro excesso.

Perante isto, é seguro dizer que estamos a caminhar para uma “era do vazio”, onde a sociedade vive num individualismo profundo e o homem tem uma perceção excessivamente individualizada de si mesmo em detrimento da sua relação com os outros ou com a própria sociedade. Desta medida verificamos também uma perda de interesse pelo que se encontra ao nosso redor, havendo nomeadamente uma desintegração do interesse pelo espaço público. A arquitetura de hoje em dia é então reflexo de tudo isso enquanto materialização do mundo da sobremodernidade.

“Dizia-se na mitologia grega, que o mundo andava a ficar de pedra, a perder a vida e a sua beleza. Era uma Medusa de seu nome Górgona, cujo simples olhar petrificava o mundo, com a sua imagem conhecida de cabelos de serpentes e olhar trágico. Afinal não foi só esse olhar do mito que petrificou o mundo, com as serpentes das “virtudes” do capitalismo cego na sua cabeleira, mas foi e é também esta nova maneira digital de “o” olhar, sem toque de vida ou intensidade. “(Zuquete, 2014, p. 117)



Ilustração 20 – “Rendering of Es Devlin’s installation *Forest of Us* at Superblue Miami. Courtesy of the artist.” (Es Devlin, 2016).

A cidade tem de ser preenchida de significado e de oferecer aventuras aos seus cidadãos para os estimular e atrair de novo para o lugar antropológico por isso “a dimensão social, ética e moral da Arquitetura enquanto área de conhecimento talvez nunca tenha tido tão grande importância[...]”. Hoje o grande desafio passa “[...]por descobrir novos programas, reinventar objetivos e valores, e um renovado sentido para a construção dos lugares contemporâneos.” (Silvano, 2017, p. 95) para não vivermos numa “cidade sem qualidades”. A arquitetura deve ser capaz de criar espaços que atraiam as novas gerações a viver a cidade real e afastarem-se da cidade desmaterializada que têm na palma das mãos.

“Na cidade destes homens, de rosto oculto e vidas geométricas, tudo funciona: traços no chão organizam, semáforos regulam, muros fecham e ocultam, portas hierarquizam, luzes iluminam, mensagens escritas indicam e imagens seduzem – um mundo cada vez mais funcional e cada vez com menos qualidades” (Zuquete, 2014, p. 12)

Por tudo isto e como já referido anteriormente, é inevitável o diálogo interdisciplinar entre a arquitetura e a antropologia do espaço para desvendar a

“complexidade dialógica das cidades atuais, que orquestram sistemas relacionais inesperados, inovadores e por isso cheios de alternativas, e que são o novo enquadramento da profissão do Arquiteto” (Zuquete, 2014, p. 2).

O Arquiteto tem de estar disponível para compreender a complexidade das dimensões sociais, simbólicas e identitárias do espaço no lugar antropológico e dos novos não-lugares (um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade) (Silvano, 2017, p. 95) para perceber e resolver os desafios arquitetónicos do mundo contemporâneo. Assim, a dimensão pluridisciplinar que deve, neste momento, ser dada ao modo como se pensam as cidades é completamente inquestionável. O arquiteto deve ser parte integrante deste diálogo, afastando-se assim de um entendimento puramente fundamentalista da profissão.

3.1.1. O AUTOMÓVEL COMO CONSUMIDOR DE ESPAÇO

A “dupla multiplicação dos automóveis e da população cria um verdadeiro caos urbano, no interior do qual não aparecem quaisquer mecanismos auto-reguladores. Ou os veículos se lançam ao salto do centro das cidades (provocando a sua asfixia, como em Londres ou Nova Iorque), ou a cidade dá lugar ao automóvel para desaparecer sob um labirinto de autoestradas, como em Los Angeles” (HALL, Edward, 1986, p. 191)



Ilustração 21 - Annésia Urbana, Avenida dos bombeiros voluntários de Algés (Ilustração nossa, 2021).

O homem tem vindo a ficar cada vez mais dependente do uso do automóvel, principalmente nas cidades, na medida em que este meio de transporte nos ofereceu a ideia de liberdade numa pequena atmosfera individualista sobre rodas que satisfaz as suas necessidades e que permite viajar para qualquer lugar em qualquer momento confortavelmente. Este mesmo homem que revela ser um ser social, como já referimos, caminha no sentido da solidão, do individualismo e do comodismo também por consequência deste objeto aparentemente indispensável à sua vida que já está enraizado na sua cultura e que ao longo do tempo alterou por completo o seu estilo de vida.

O grande problema que aqui tentamos expor não é o do automóvel enquanto objeto singular, mas sim a sua descontrolada multiplicação, que tem criado um verdadeiro caos urbano que torna intolerável a vida do homem nas ruas das cidades por invadir despreocupadamente espaços que deveriam servir para interações sociais e uso dos seus cidadãos, mas que, ao invés, acabam “por corroer tudo à sua volta, dos parques aos passeios” (Hall, p. 198). O homem da sobremodernidade, por estar constantemente a flutuar no universo digital egocêntrico, parece indiferente ao facto de que o automóvel seja talvez o maior consumidor e destruidor de espaço urbano. Este, para além de “devorar” espaços, afasta o homem daquele que deveria ser o palco da vida humana, dando origem a uma rutura com a interação social.

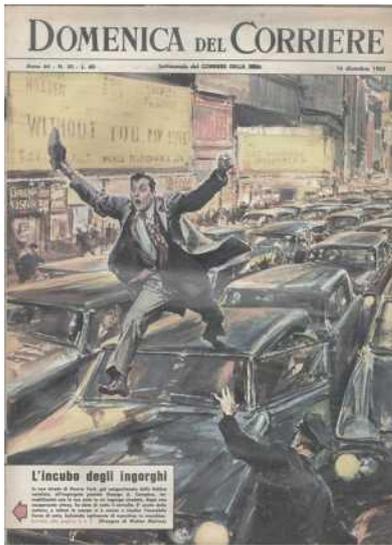


Ilustração 22 – Contracapa da revista Italiana Domenica del Corriere, 16 de dezembro de 1962 (Walter Molino, 1962)

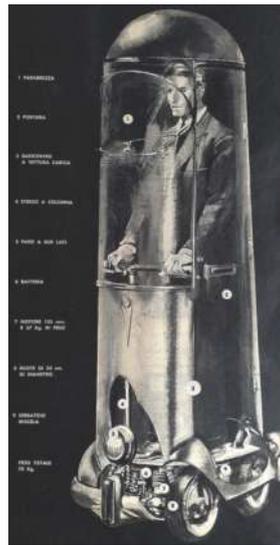


Ilustração 23 - “Singoletta” (Walter Molino, 1962)



Ilustração 24 – Capa da revista Italiana Domenica del Corriere, 16 de dezembro de 1962, (Walter Molino, 1962)

Neste sentido, como podemos observar nas ilustrações acima, a capa e conteúdo desta revista italiana de 1962, ilustrava já uma preocupação crescente com o ambiente de congestão e stress na cidade, apresentando por isso uma proposta de veículo monolugar, elétrico, o “Singoletta”, formulado precisamente para combater o congestionamento e tráfego na cidade ao mesmo tempo que se afigurava como uma proposta baseada na sustentabilidade (por contribuir para a diminuição dos níveis de dióxido de carbono). (Poeta, 2020) Assim é possível observar que esta não é uma preocupação apenas e só da atualidade, mas sim algo que se deixou evoluir sem soluções que envolvessem uma preocupação e consideração por aqueles que habitam a cidade. Aliás, já neste sentido, podemos fazer referência ao antropólogo Edward T. Hall que considerava que a resolução de problemas urbanos deveria ter em consideração a voz de outros especialistas que não só arquitetos, engenheiros e urbanistas, devendo também dar-se palco à atuação e opinião de psicólogos, antropólogos e etnólogos. Nas palavras do mesmo, “os urbanistas não deveriam continuar a assistir impotentes – e sob falaciosos pretextos políticos ou práticos – ao abortar ou pôr de lado de projectos satisfatórios” (Hall, 1986, p. 191).

Vemos assim que a própria morfologia das cidades tem vindo a alterar-se por completo dando primazia ao automóvel e esquecendo quem caminha a pé pela cidade. O simples ato de caminhar pela cidade, como experiência espacial e social, é

cada vez menos frequente por consequência deste “prolongamento do organismo”¹⁰ do homem. Basta “alimentar” este objeto ruidoso para podermos comodamente ir a qualquer lugar, sem que seja necessário sair para o exterior, através de labirintos de estradas atrativas onde é fácil esquecermo-nos que estamos a contribuir para a destruição do espaço público apenas para o nosso próprio conforto e, conseqüentemente, não aproveitamos a experiência real do ambiente exterior. Com base na matriz de pensamento de Marc Augé o automóvel é um não-lugar real da sobremodernidade assim como as estradas e autoestradas onde circula. Nesse sentido e em contraposição com o que observámos no primeiro capítulo onde o homem arcaico através do percurso/caminho cria lugares repletos de sentido e significado, a estrada afigura-se como o seu exato oposto, no sentido mencionado, não apenas por ser percorrida por automóveis, mas também por ser uma simples linha que liga dois pontos.

““A estrada não tem em si própria qualquer sentido; só têm sentido os dois pontos que ela liga. O caminho é uma homenagem ao espaço. Cada trecho do caminho é em si próprio dotado de um sentido e convida-nos a uma pausa. A estrada é uma desvalorização triunfal do espaço, que hoje já não passa de um entrave aos movimentos do homem, de uma perda de tempo[...]E também a sua vida, ele já não vê como um caminho, mas como uma estrada”” (Kundera *apud*, Sá, 2006)

A baixa de Algés, como teremos oportunidade de analisar no capítulo seguinte, é exemplo desta ausência de sentido do espaço urbano, sendo possível observar que grande parte das memórias coletivas daquele espaço foram radicalmente apagadas para a construção de estradas, viadutos e bombas de gasolina, numa profunda inconsciência e desrespeito pelos seus cidadãos. Torna-se evidente que os protagonistas desta vila são os automóveis que, por sua vez, conduzem ao afastamento de pessoas no espaço urbano, num sentido de solidão. Ficamos perante um lugar despido de vida, uma cidade-dormitório, onde as pessoas que nela habitam pouco usufruem do espaço urbano, não por assim não quererem, mas sim porque, na nossa perspetiva, é impossível experienciar um espaço tão ruidoso, rápido e confuso, com tão poucas qualidades. Algés tem vindo assim a assemelhar-se cada vez mais a um lugar de passagem onde aqueles que a habitam pouco usufruem do espaço público que tem vindo ao longo do tempo a dar primazia ao automóvel. Nesta mesma linha de pensamento e em entrevista ao Diário de Notícias, o grupo de fundadores do movimento Desafiar Algés refere que existe uma falta de centralidade e de espaço

¹⁰ Neste sentido, Edward T. Hall afirma que o homem distingue-se dos outros animais por ter conseguido criar prolongamentos do seu próprio organismo onde explica que “o ordenador é um prolongamento de uma parte do cérebro, como o telefone é o prolongamento da voz e a roda um prolongamento das pernas e dos pés” HALL, Edward (1986) – A Dimensão Oculta. Lisboa. Relógio D’Água, p. 14

publico na vila, acrescentando ainda que "Algés não tem uma praça, o teatro municipal está dentro de uma cave e não há um auditório. A avenida principal tem automóveis e lixo a mais [...] Algés é uma terra de não. Não temos acesso à praia, não temos um jardim digno do seu nome, não temos equipamentos, é uma espécie de aldeia de Astérix entalada entre vias de comunicação" (Gil, 2020).

A cidade, que deveria ser pensada para as pessoas, tem na verdade sido construída em função do automóvel pelo que, na perspetiva de Edward T. Hall se "quisermos redescobrir o contacto perdido tanto com os seres humanos como com a natureza, teremos de achar uma solução radical para os problemas colocados pelo automóvel" (Hall, p. 201).

Esta fragmentação do lugar urbano de que falámos e que se verifica na baixa de Algés é, também ela, visível por comparação com as paisagens urbanas solitárias de Mario Sironi (Ilustrações 24 e 25), já estas "premonitórias talvez, do destino da sobremodernidade, onde, à ausência desses valores patrimoniais e de sentido das cidades [...] acrescem-se estradas despidas de vida" (Zuquete, 2015, p. 9).



Ilustração 25 - Paisagem urbana I, (Mario Sironi, 1922).



Ilustração 26 - Paisagem urbana II, (Mario Sironi, 1922).



Ilustração 27 – Paisagem urbana, avenida dos bombeiros voluntários de Algés I, (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 28 - Paisagem urbana, avenida dos bombeiros voluntários de Algés II, (Ilustração nossa, 2021).

3.2. DO ESPAÇO AO LUGAR

Analisadas as consequências e efeitos da sobremodernidade nas cidades e espaços urbanos pelo olhar de Marc Augé, nomeadamente o individualismo que tem levado a um desinteresse pelo espaço urbano, é nosso entendimento que a arquitetura deve estar atenta e compreender estas novas formas de relação entre o homem e o espaço, assumindo papel de destaque na construção de cidades e espaços urbanos cujo foco tome em consideração os interesses e necessidades do homem e que, acima de tudo, permita a este voltar a conectar-se com o que o rodeia. Neste sentido, para que o arquiteto possa assumir esse papel ativo, é importante analisar e clarificar os conceitos de espaço, lugar e não lugar.

Podemos começar por referir a perspetiva do geógrafo Yi-Fu Tuan, segundo o qual os conceitos de espaço e lugar não podem ser compreendidos um sem o outro, por revelarem experiências semelhantes ao homem embora sejam claramente diferenciados: o primeiro apresenta-se como podendo ser extremamente abstrato, indefinido, contrariamente ao segundo que “posee um carácter concreto, empírico, existencial, articulado, definido hasta los detalles” (Montaner, 1998, p. 32)¹¹.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, espaço pode ser entendido como uma extensão indefinida, área, distância entre dois pontos, local vazio que pode ser usado. Já o lugar é descrito como um espaço ocupado por um corpo. Desta forma, Tuan afirma que “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 6) afirmando ainda que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (Tuan, 1983, p. 151) ou seja, quando ocupado pelo ser humano. Para o autor, o espaço representa liberdade, um espaço aberto sem limites enquanto o lugar é, na opinião do mesmo, considerado como um espaço habitado, que pela simples presença do homem ganha significado e valor. Por tudo isto, Montaner afirma ainda que

“la idea de lugar se diferencia de la de espacio por la presencia de la experiencia. Lugar está relacionado con el proceso fenomenológico de la percepción y la experiencia del mundo por parte del cuerpo humano” (Montaner, 1998, p. 38).

Assim, o homem como ser que vive em ambientes construídos por si, primeiro dá forma a um vazio para depois então o poder habitar. Posto isto, começaremos primeiro por refletir sobre o conceito de espaço enquanto “essência da arquitetura” (conceito

¹¹ Tradução nossa: “tem um carácter concreto, empírico, existencial, articulado, definido ao pormenor”.

utilizado por Alois Riegl), o espaço arquitetónico, – este vazio que o homem criou através da materialização das suas ideias, enquanto espaço encerrado, espaço interior onde os homens andam e vivem – e entendê-lo na perspetiva da prática e da teoria da arquitetura para depois entender como se dá a passagem desse espaço ao lugar.

Bruno Zevi, considera o espaço arquitetónico como o protagonista da Arquitetura. Para o arquiteto, a arquitetura “não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço” (Zevi, 2020, p. 18), isto é, não provém da forma exterior, mas sim do vazio, o referido espaço interior onde homens andam e vivem. O espaço interior será aquele que só poderá ser vivido e conhecido empiricamente.

“A definição mais precisa que se pode dar atualmente da arquitetura é a que leva em conta o espaço interior. A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva [...] O importante, porém, é estabelecer que tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura” (Zevi, 2020, p. 24)

Através do desenvolvimento tecnológico dos materiais de construção e dos próprios sistemas estruturais, foi possível criar uma nova conceção de espaço, sendo exemplo disso o palácio de cristal em Londres (1851-1936), de Joseph Paxton, relativamente ao qual Josep Montaner afirma que o seu interior “ofrecía incipientemente la visión de un espacio dinámico y libre, com los objetos totalmente bañados de luz, en el que la barrera entre el exterior y el interior quedaba fraqueada” (Montaner, 1998, p. 29)¹², à semelhança das obras de Mies Van der Rohe, também estas em completa contraposição ao espaço tradicional, um espaço estático, que se define pelas suas formas puras, sendo o Panteão de Roma uma referência desse mesmo tipo de espaço na opinião de Montaner .

¹² Tradução nossa: “ofereceu incipientemente a visão de um espaço dinâmico e livre, com objetos totalmente banhados de luz, em que se rompia a barreira entre o exterior e o interior”

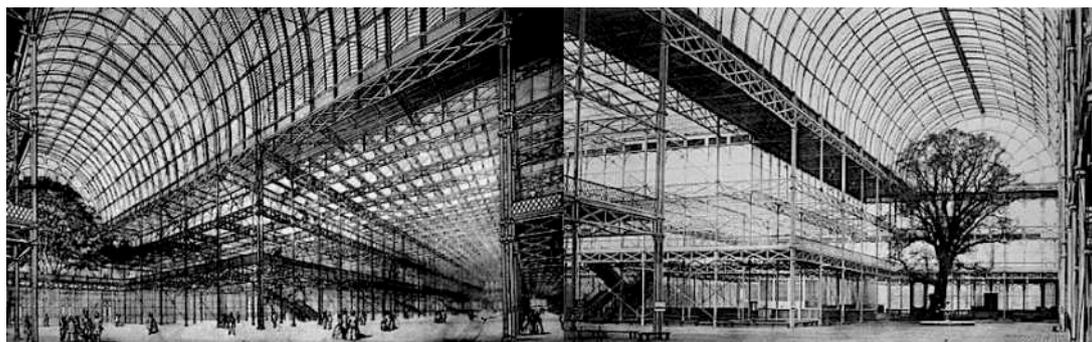


Ilustração 29 - Interior do Palácio de Cristal, Londres, 1851-1936, ([Adaptado a partir de:] Revista Projeto, 2014).

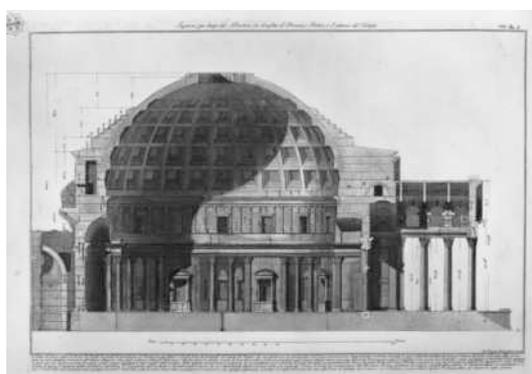


Ilustração 30 – Secção, Panteão de Roma (Francesco Piranesi, 1790)

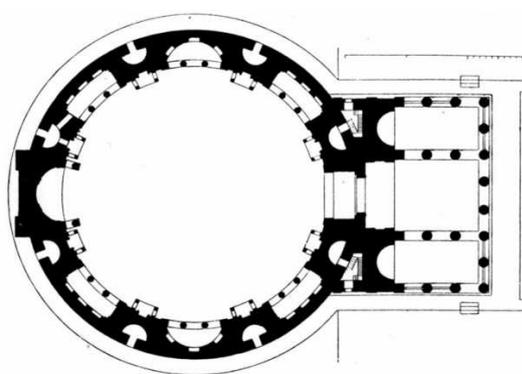


Ilustração 31 – Planta, Panteão de Roma, (Georg Dehio, Gustav von Bezold)

Neste seguimento, Steven Kent Peterson no artigo “*Space and Anti-space*”, publicado em 1980 para a Harvard Architectural review nº1 e mais tarde amplificado e atualizado em 2018, defende a existência de dois tipos de espaço com configurações completamente opostas: o espaço e o antiespaço e, para os definir, começa por fazer uma reflexão e comparar dois edifícios de períodos diferentes da história, a igreja Barroca de São Carlos de Borromini construída em 1630 em Roma e o Edifício da Associação de Proprietários de Moinhos de Le Corbusier de 1950 na Índia. Numa primeira leitura, refere o autor, torna-se evidente que estamos perante projetos completamente diferentes, construídos em períodos e lugares distintos e com clientes e funções diferentes (Peterson, 2018, p. 2).



Ilustração 32 - Igreja Barroca de São Carlos de Borromini, 1630



Ilustração 33 - Edifício da Associação de Proprietários de Moinhos de Le Corbusier, 1950, (Motaleb architekten)

No entanto, numa segunda análise mais cuidada, na qual compara os mesmos edifícios, mas sobrepondo as respetivas plantas numa mesma escala, torna-se então visível para o autor que tais edifícios seguem uma mesma ordem e padrão arquitetónico, sendo, afinal, bastante semelhantes como podemos observar na ilustração 22

“as if Le Corbusier used the entire concept of Borromini’s organization as a conscious antecedent for his own design, stripping away the Baroque while maintaining the same formal structure, translating it into a new, modern architectural language.” (Peterson, p. 2)¹³

Desta forma, apesar de se encontrarem efetivamente semelhanças em ambas as obras arquitetónicas, torna-se evidente que a morfologia da igreja de São Carlos de Borromini é extremamente limitada e estática pela rigidez das suas formas puras e geometrias, onde as paredes se apresentam como principal elemento estrutural, comparativamente à morfologia livre e dinâmica do edifício da Associação de proprietários de Moinhos de Le Corbusier, a partir do conceito de planta livre, onde este criou uma estrutura independente na qual as paredes já não exercem uma função estrutural, revelando assim uma inovadora forma de pensar o espaço arquitetónico.

¹³ Tradução nossa: como se Le Corbusier usasse todo o conceito de organização de Borromini como um antecedente consciente para o seu próprio projeto, perdendo o Barroco enquanto mantém a mesma estrutura formal, traduzindo-o numa nova e moderna linguagem arquitetónica.

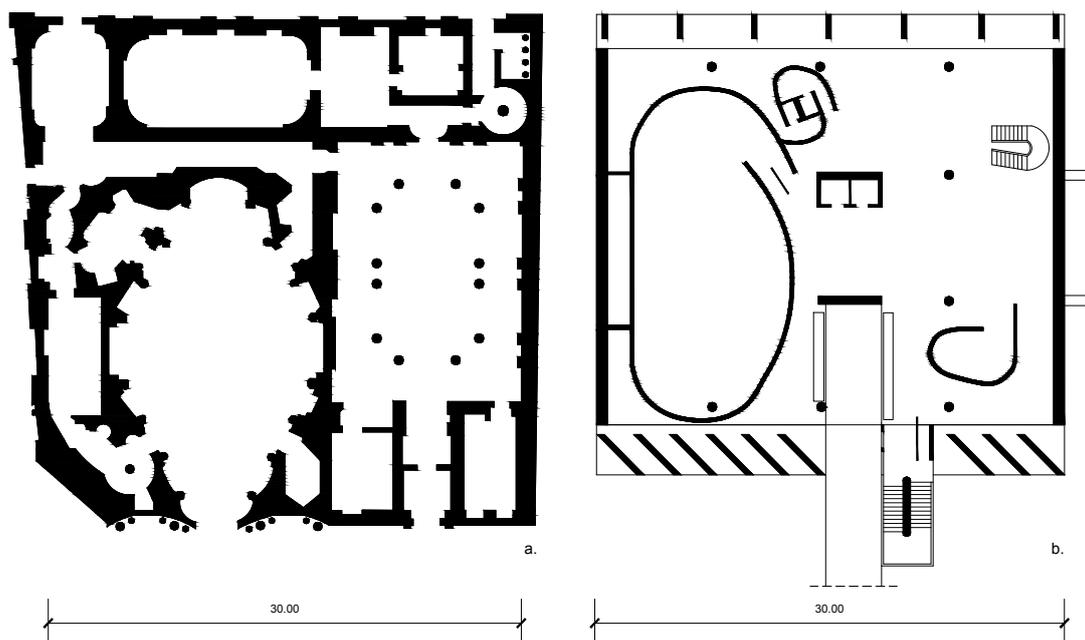


Ilustração 34 - Espaço (1630) e antiespaço (1954), ([Adaptado a partir de:] Steven Kent Peterson. 2018, p. 1).
a. Planta do piso térreo, igreja de São Carlos nas quatro Fontes, Francesco Borromini, Roma, Itália, 1630
b. Planta do piso 1, Edifício da Associação de proprietários de Moinhos, Le Corbusier, Ahmedabad, Índia, 1954



Ilustração 35 - Interior da igreja de São Carlos e do edifício da Associação de proprietários de Moinhos

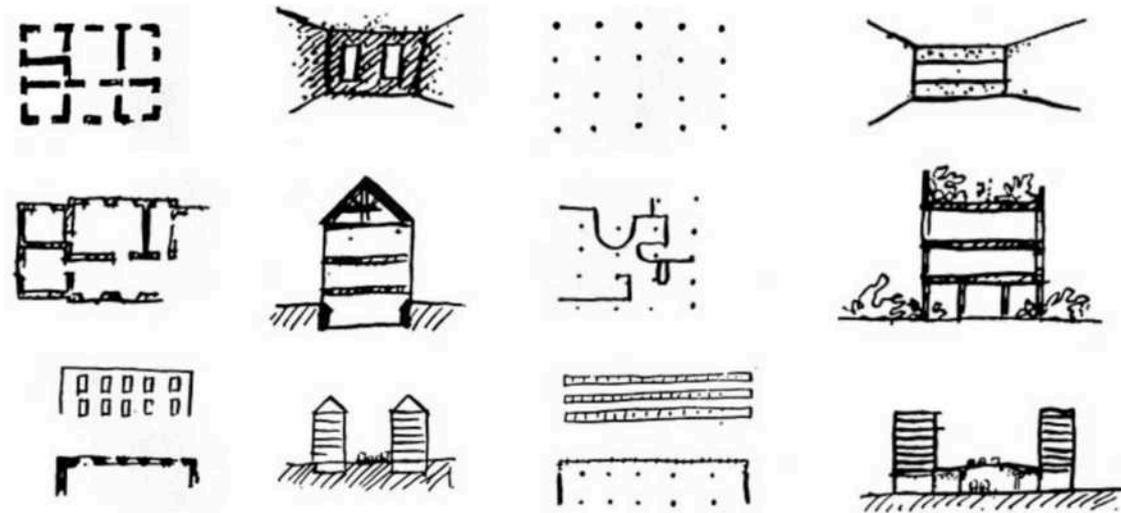


Ilustração 36 – Croquis de Le Corbusier que ilustram os cinco pontos de uma nova arquitetura, 1926. (Peterson, 2018, p. 4)

Assim, ainda que Steven Kent Peterson defenda que o espaço moderno de Le Corbusier, que apelida de anti-espaço (espaço abstrato, aberto, leve, infinito contínuo), destruiu o espaço tradicional rejeitando as formas puras e geométricas, na nossa opinião, essa morfologia associada ao espaço tradicional é na verdade limitada por restringir opções de criatividade, contrariamente ao espaço moderno de Le Corbusier e Mies van der Rohe que ofereceu um novo olhar sobre o modo como se pensa o espaço estimulando a criatividade e favorecendo uma relação com a natureza.

Também na morfologia das cidades e jardins que as compõem podemos observar diferentes exemplos sobre aquilo que, na opinião de Steven Kent Peterson, constitui um espaço e um anti-espaço. Neste sentido, a ilustração 37 utilizada pelo autor, apresentar-se-ia como um “jardim-espaço” na medida em que é composto por diversas referências de forma, enquanto, por outro lado, a ilustração 38 nos mostraria um “jardim anti-espaço” por se apresentar desconectado com a envolvente, mas focado na relação entre natureza e indivíduo.

Considerando tudo o que foi referido anteriormente, consideramos assim que os conceitos de espaço e antiespaço, à semelhança de lugar e o não-lugar, são opostos, no entanto entrelaçam-se e complementam-se.

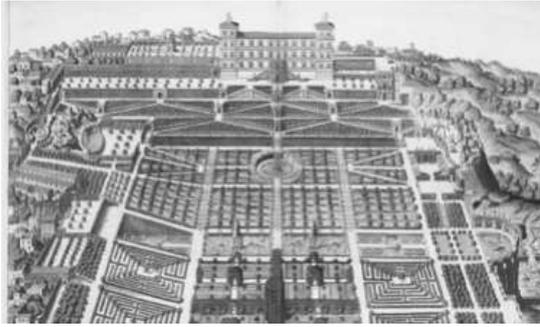


Ilustração 37 – Villa d'Este, Tivoli, Piero Ligorio, 1560-1575 (Peterson, 2018, p. 23)



Ilustração 38 – Anti-Espaço (Peterson, 2018, p. 23)



Ilustração 39 – Palmanova, Itália, Século XVI

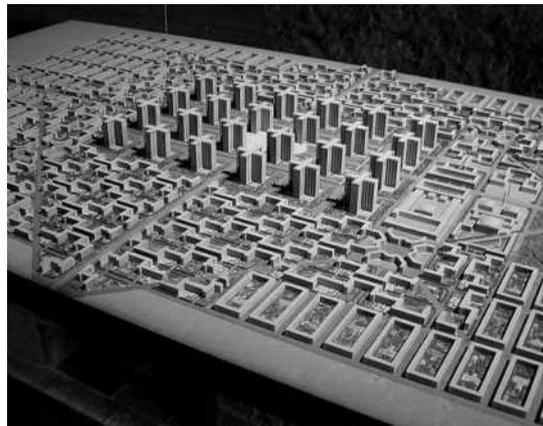


Ilustração 40 – Ville Radieuse, (Le Corbusier, 1933).

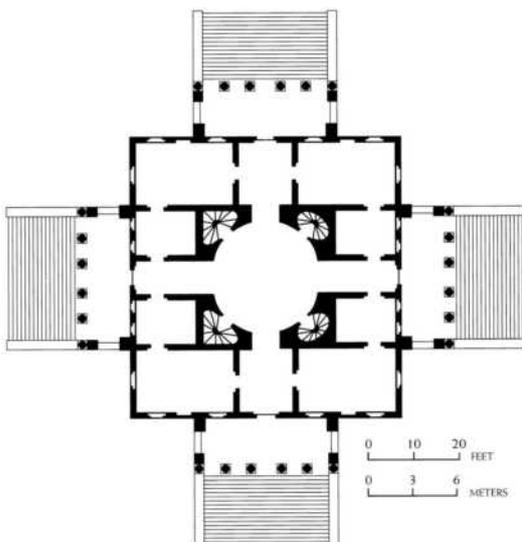


Ilustração 41 - Villa Rotonda, (Palladio, 1571).

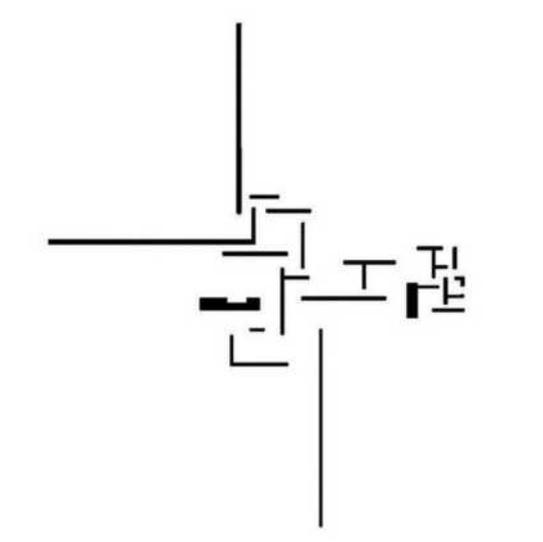


Ilustração 42 – Brick country house, (Mies van der Rohe, 1923).

3.3. O LUGAR ANTROPOLÓGICO



Ilustração 43 - Um lugar antropológico, Universidade Lusíada de Lisboa. (Ilustração nossa,2021).

Uma vez compreendidas estas duas concepções de espaço, podemos agora refletir sobre a ideia de lugar antropológico a partir da linha de pensamento de Marc Augé que reserva esse termo à “construção concreta e simbólica do espaço que não poderia por si só dar conta das vicissitudes e das contradições da vida social” (Augé, 2016, p. 48). Isto é, aquilo que começa como espaço abstrato e infinito transforma-se em lugar à medida que o dotamos de valor e lhe atribuímos qualidades. Assim, quando o homem cria uma relação profunda com um determinado espaço, refere também Marc Augé, que este passa a definir-se como um lugar antropológico, um lugar carregado de memórias por articular os espaços antigos.

Neste sentido, a cidade é verdadeiramente um ponto estratégico de análise destes lugares antropológicos na medida em que é possível observarmos as diversas dinâmicas urbanas e observar diferentes interações entre indivíduos nos seus contextos relacionais. Assim, o lugar antropológico enquanto espaço dotado de valor e simbolismo é identitário e relacional por existir uma verdadeira relação de identidade partilhada com o mesmo, sendo também histórico

“a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, se define por uma estabilidade mínima. Histórico, pois que aqueles que nele vivem aí podem reconhecer pontos de referência que não têm de ser objectos de conhecimento” (Augé, 2016, p. 50)

Ainda neste âmbito, considera Lévi-Strauss que as próprias práticas quotidianas são configuradoras da ideia de identidade coletiva, estando as memórias antropológicas

dependentes do lugar onde habitam (Zuquete, 2014, p. 6). Assim, a Arquitetura pode ser vista neste contexto como “o meio mais simples de articular o tempo e o espaço para modelar a realidade, para fazer sonhar” (Ivain, Gilles apud Careri, Francesco, 2013, p. 91).

No entanto, não é só na cidade tradicional que observamos a configuração destes lugares antropológicos. Como refere Augé, “a escala do lugar antropológico é variável” (Augé, 2016, p. 49). Assim, neste sentido, podemos mesmo observar o lugar antropológico em pequena escala, onde o mesmo se torna íntimo, sugerindo uma pausa e onde formas, cores e objetos assumem simbolismo e valor. Desta forma, à semelhança de uma casa que por variadíssimos motivos se considera um lugar, também uma simples sala de aula o pode ser, enquanto lugar transmissor de conforto, repleto de referências e que, de certa forma, funciona também ela como um porto de abrigo. Aqui, o conceito assumirá por completo uma dependência da experiência pessoal de cada um.

Por outro lado, refere Montaner (Montaner, 1998, p. 38) que o lugar antropológico em grande escala considera as preexistências ambientais articulando-as com as diversas peças urbanas (praça, rua, avenida). Para o autor, o conceito de lugar seria assim “la adecuada relación entre la pequeña escala del espacio interior y la gran escala de la implantación” (Montaner, 1998, p. 38)¹⁴

Posto isto, é possível observar que a arquitetura da cidade, ao oferecer forma simbólica e enquanto chave para compreender a realidade, deve fazer-se valer, paralelamente, dos estudos e ensinamentos da antropologia de modo a entender de que forma poderá atuar nos diversos contextos da cidade, considerando as múltiplas relações, práticas e experiências vividas na mesma.

“Percebe-se a existência de uma diversidade de lógicas urbanas em mundos sociais nos quais as pessoas também “fazem a cidade” sob espaços intermediários, domínios, fidelidades e valores comuns e diferentes, ou seja, outras formas de agir e saberes sobre a cidade. Afinal, as cidades são imprevisíveis, vividas e imaginadas por aqueles(as) que a fazem”¹⁵

¹⁴ Tradução nossa: a correta relação entre a pequena escala do espaço interior e a grande escala da implantação.

¹⁵ Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos, *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, colocado online no dia 31 dezembro 2011, consultado o 08 setembro 2021. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/1827>

3.4. “NÃO-LUGARES”

“Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar.” (Augé, 2016, p. 69)

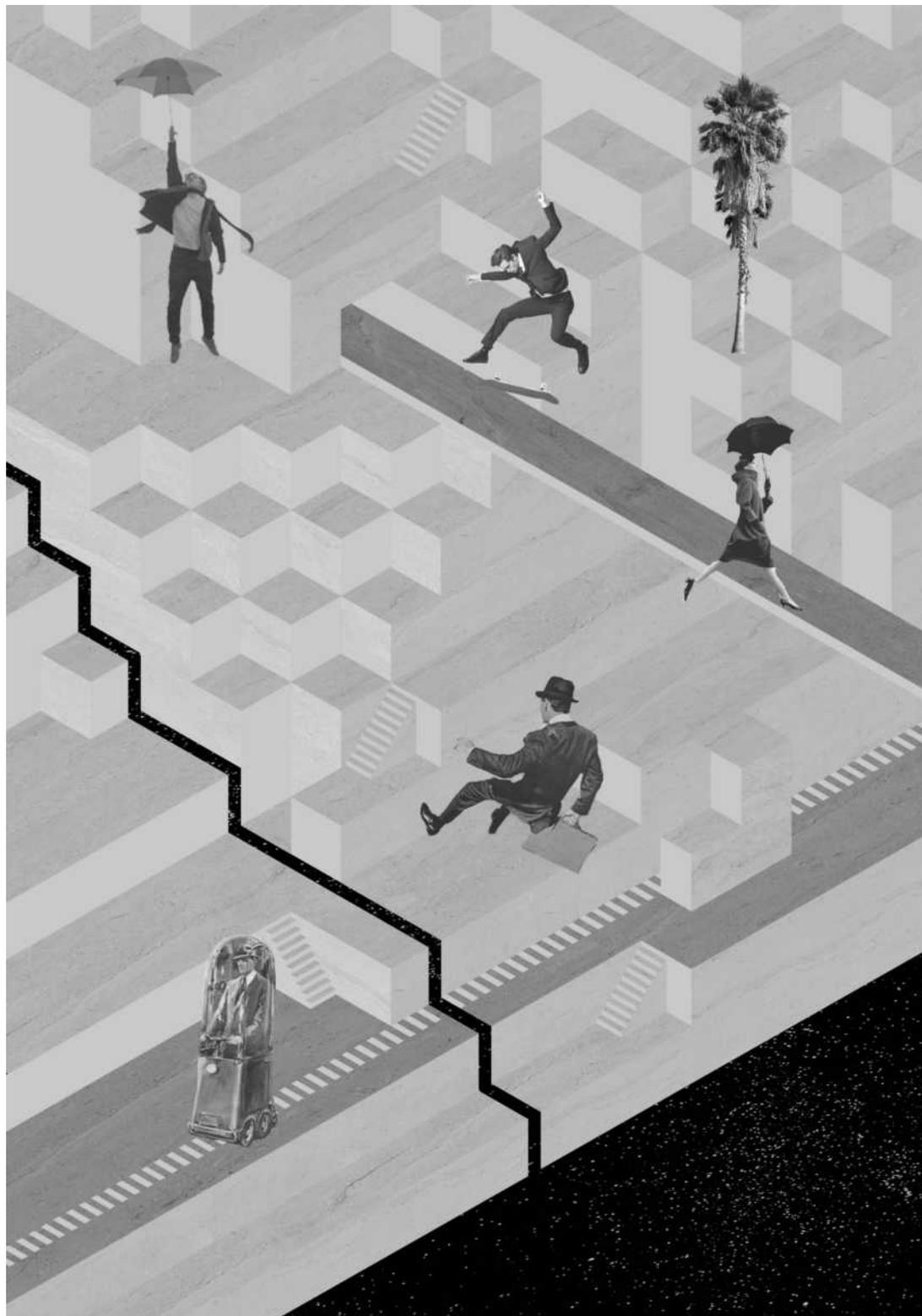


Ilustração 44 - Colagem, Viajantes num não-lugar da sobremodernidade (Ilustração nossa, 2021).

Face à complexidade das cidades atuais é fundamental que o arquiteto esteja atento à nova realidade antropológica, percebendo a importância dos lugares e dos não-lugares e de que modo é que estes influenciam a relação do homem com o espaço urbano. Assim sendo, apenas esta relação de multidisciplinariedade entre a arquitetura e a antropologia permite uma “desejável tomada de consciência para uma refiguração da postura profissional e da práxis do arquiteto” (Zuquete, 2015, p. 1).

Através da ilustração 10 (viajantes no não-lugar) tentámos representar de forma abstrata qual é a ideia subjacente dos não-lugares segundo Marc Augé, onde o próprio vazio que nela se observa, pela ausência de cor e falta de elementos de referência espaciais, nos transmite uma sensação de ausência de sentido e de não identificação e relação com o espaço. Os cinco viajantes solitários representam a figura humana da sobremodernidade, deambulando num espaço de passagem suspenso no tempo onde estes não se relacionam nem articulam o passado com o presente. Na opinião de Marc Augé, os viajantes sentem-se livres dos “constrangimentos da relação com os outros e da identificação com o grupo” (Silvano, 2017, p. 100) no não-lugar. Considera ainda o autor que “o espaço do viajante seria assim o arquétipo de não-lugar” (Augé, 2016, p. 76) na medida em que não é possível criar identidade ou relação, deixando sim espaço à solidão e semelhança.

Na tentativa de justificar a passagem dos lugares aos não-lugares, Marc Augé começa por mencionar Jean Starobinski que vê na essência da modernidade a presença do passado no presente e, por essa razão, a “modernidade em arte preserva todas as temporalidades do lugar” (Augé, 2016, p. 69). No entanto a sobremodernidade, contrariamente à modernidade, não integra mais os lugares antigos (lugares de memória) e caracteriza-se pela ausência de identidade, relação e história sendo assim considerada, na opinião do mesmo, como produtora de não-lugares. A sobremodernidade é assim a presença da ausência do passado no presente e produtora de uma nova configuração espacial, que revela ao homem uma nova forma de ver e de viver o mundo.

Os não-lugares são a negação do lugar e materializam-se no espaço através dos aeroportos, dos transportes públicos, das autoestradas, hotéis, campos de refugiados, centros comerciais entre outros lugares perdidos de sentido criando assim “um mundo prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efémero” (Augé, 2016, p. 70).

Quer estejamos no interior de um aeroporto, comboio ou até mesmo num supermercado, apesar de estarmos rodeados de pessoas podemos não ter a consciência de que estamos na verdade sozinhos e que não estabelecemos uma relação afetiva e emocional com esses espaços nem relações sociais com esses indivíduos que nos rodeiam. Tudo isto, cria uma ausência de relação entre lugar e o social que faz com que não seja possível para o antropólogo fazer uma leitura da sociedade assim, “tudo o que afasta da observação directa do terreno afasta também da antropologia” (Augé, 2016, p. 14). Como refere o autor, “os lugares antropológicos criam o social orgânico, os não-lugares criam contratualidade solitária” (Augé, 2016, p. 82). Por tudo isto, afirma ainda que os não lugares criam solidão e individualismo e uma certa tentação de narcisismo, alertando também para o facto de o espaço da sobremodernidade só conhecer “indivíduos (clientes, passageiros, utentes, ouvintes)” mas que estes “não são identificados, socializados e localizados (nome, local de nascimento, local de residência) excepto à entrada e à saída.” (Augé, 2016, p. 95).

Estes são espaços de circulação, de consumo e de comunicação que criam a ilusão de que o homem é livre para estar onde quer, de fazer o que lhe aprouver e consumir o que quer instantaneamente. Assim, por se tratarem de lugares extremamente sedutores “por la promesa de posibilidades y transformaciones inimaginables” (Montaner, 1998, p. 49) os não-lugares criam um mundo de ilusões onde o homem sente que tudo é possível e o preço a pagar por toda esta liberdade ilusória é a relação de isolamento num profundo sentimento de solidão. Ainda que sedutores, verificamos que lhes são associáveis uma quantidade de aspetos negativos, nomeadamente a desagregação da sociedade através da experiência destes não-lugares onde o homem se afirma como um viajante solitário, mas também como um hiperconsumidor de espaços, de objetos, instrumentos de comunicação.

Assim, tal como começámos por referir, de forma a entender a complexidade das cidades atuais e a poder atuar nas mesmas, o arquiteto tem de ser capaz de compreender de que modo estes não lugares influenciam a forma de viver a cidade na medida que, e na opinião de Marc Augé, “la idea de sociedad localizada está siendo puesta en crisis por la proliferación de estos no lugares baseados em la individualidade solitária, em el passaje y em el presente sin historia” (Montaner, 1998 p. 48)¹⁶. É aliás importante referir que, no seguimento dos avanços tecnológicos e as consequências que daí advêm, os não lugares atualmente, já não serão apenas

¹⁶ Tradução nossa: “a ideia de sociedade localizada está a ser posta em causa pela proliferação desses não lugares baseados na individualidade solitária, na passagem e no presente sem história”.

“estações, aviões ou outros espaços perdidos, somos nós, com smartphones e auscultadores, isolados na realidade virtual de um laptop, pelo Skype ou num chat. Esse processo complexo de um novo lugar individual [...] transfigurou o jogo de relações do espaço social de Augé, amplificando o problema, e assim, a crescente dificuldade em compreender e resolver o lugar antropológico contemporâneo” (Zuquete, 2015, p. 7).



Ilustração 45 - Colagem, O Viajante à procura de sentido num mundo do excesso de referências (Ilustração nossa, 2021).

3.4.1. O ESPAÇO VIRTUAL



Ilustração 46 - Colagem, viajantes no espaço virtual. ([Adaptado a partir de:] Barozzi Veiga, neanderthal museum,piloña).

Atualmente, como observámos, além dos típicos não-lugares apontados por Marc Augé, verificamos a existência de um lugar impalpável, o espaço virtual.

Assim, é possível afirmar que o homem vive então na relação entre duas dimensões paralelas de espaço, o físico e o virtual que se materializa em objetos reais, uma nova realidade complexa do ponto de vista da prática da arquitetura e do olhar atento da antropologia do espaço, por obrigar a repensar a ideia de espaço e o modo como se vão redesenhar as cidades atuais adaptando estas duas realidades.

O espaço virtual ou ciberespaço aparenta ser uma atualização do conceito de não-lugares de Marc Augé, no entanto num grau mais avançado, sendo resultado da interconexão à distância, um verdadeiro conhecimento disponível na palma das mãos.

“No hay duda de que el espacio virtual constituye la más alta creación de la ambición humana, configurando un mundo laico totalmente fuera de las leyes de la naturaleza. Si Claude Lévy-Strauss había considerado la ciudad como la máxima creación del hombre, ahora podemos señalar al ciberespacio no sólo como la máxima creación de la inteligencia y la ciencia sino también de la imaginación y la ficción, de la capacidad del hombre para soñar y crear.” (Montaner, 1998, p. 49)¹⁷

O desenvolvimento dos meios tecnológicos e digitais obriga a repensar a questão espacial. Neste mesmo sentido Charles Landry afirma que hoje “a nossa cultura é digital e o digital molda a nossa cultura [...] Muda a forma como as pessoas entendem o tempo, o espaço e os lugares” (Landry, 2017, p. 11), podendo inclusive levar a uma sobrecarga sensorial, consequência do excesso de informação fornecida e excesso de informação solicitada. Por tudo isto, a existência de lugares de encontro na cidade é mais importante que nunca, ainda que a narrativa atraente e sedutora do espaço virtual nos cativa por força da liberdade e flexibilidade que lhe é inerente. Como refere o mesmo autor, “as pessoas necessitam de um lugar físico para se ancorarem a si próprias e os lugares importam mais do que nunca, não obstante as nossas crescentes interações virtuais” (Landry, 2017, p. 53)

¹⁷ Tradução nossa: Não há dúvida de que o espaço virtual constitui a mais alta criação da ambição humana, configurando um mundo secular totalmente alheio às leis da natureza. Se Claude Lévy-Strauss considerava a cidade como a maior criação do homem, agora podemos apontar o ciberespaço não apenas como a maior criação da inteligência e da ciência, mas também da imaginação e da ficção, da capacidade do homem de sonhar e criar.



Ilustração 47 - Homogeneização cultural, "Memory Place", (Es Devlin, 2019).

Espaço físico e virtual criam assim uma identidade combinando-se e isso tem manifestações claras na forma como as cidades funcionam. Nesta perspetiva, da atual conectividade espacial resulta uma homogeneização cultural, que coloca em causa, na opinião de Filomena Silvano, o princípio constituinte da Antropologia, o relativismo cultural. Diz a mesma que “o uso dos meios digitais é muito rapidamente sujeito a processos de normalização cultural que os integram localmente, servindo os mesmos, frequentemente para [...] adensar as formas de construção das identidades locais” (Silvano, 2017, p. 117). Assim, ainda que exista uma diminuição real de contacto físico, a diminuição da distância por meio virtual, permite-nos comunicar de qualquer parte do mundo e assim transpor para espaços distantes características locais.

“O lugar importa, nesta paisagem em mutação, à medida que fornece ancoragem, sentimento de pertença, oportunidade, conexão e, idealmente, inspiração” (Landry, 2017, p. 53).

4. PROPOSTA MASTERPLAN

Tendo como caso de estudo um fragmento urbano da Vila de Algés, sujeito a uma reflexão crítica e cuidada investigação projetual no âmbito da disciplina de projeto III 5ºA, referente ao ano letivo 2019/2020, propomos através do prefácio de um masterplan a revitalização, dinamização e humanização do bairro de Algés, num território de franja entre dois concelhos com um incompleto património edificado e de valores perdidos e por descobrir mas repleto de possibilidades para criar um ambiente imaginário criativo pelo olhar da antropologia do espaço em diálogo com a Arquitetura.

Este ensaio passa, primeiro, por uma leitura interpretativa do passado da baixa de Algés e depois pelo entendimento contemporâneo das suas dinâmicas sociais e culturais no âmbito do tema “Bairro Arte”, onde se inscrevem diversos outros temas como espaço das artes. O nosso objetivo passa também por repensar o espaço público de modo a adaptar este tema àquelas que são as dinâmicas da área de estudo, nomeadamente aumentando as áreas públicas e espaços de circulação pedonal e revitalizando o comércio de modo a atrair a população devolvendo-lhes espaço com a criação de uma área verde e respetivo aproveitamento do mesmo para uso pedonal, afastando assim o ruído e poluição causados pela utilização comum de veículos automóveis na área de estudo. Neste sentido, o mercado de Algés, situado no centro histórico da vila, continua a ser o elemento de destaque, sendo nosso objetivo que o mesmo se mantenha enquanto marcante elemento gerador do espaço urbano.

Principalmente na conjuntura atual de crise pandémica, torna-se claro o quão imperativo é resgatar espaço para os cidadãos, invertendo a tendência da primazia do uso automóvel no desenho das vilas e cidades. Neste sentido, Paula Teles, Engenheira Civil na área de planeamento do território, refere que a mobilidade deve ser pensada e integrada com o planeamento urbano e ordenamento do território, evitando-se a construção de espaços urbanos monofuncionais, sendo sua opinião que é “da multiplicidade funcional que deverão ser construídos os nossos bairros e as nossas cidades [...] sublinhando a necessidade de espaços onde a escala seja mais humana” (Teles, 2021). Parece, aliás, cada vez mais claro que trazer mais espaços pedonais às vilas e cidades, acarreta vários benefícios a estes espaços e aos seus cidadãos, nomeadamente um estilo de vida mais saudável. É importante que se pense

e ponha em prática o “direito à cidade”¹⁸, considerando a mobilidade como o “centro de todo o ecossistema das cidades do futuro”¹⁹.

Como pretexto para uma renovação urbana do sítio propomos um programa para a sede das artes expressivas do teatro, da pintura, da escrita, da dança e do cinema, e os núcleos residenciais destinados a acolher artistas no âmbito de uma mobilidade nacional e internacional. A sede deve constituir-se como um espaço para a criação artística, do processo mental à expressão da obra, sendo que simultaneamente se forma como um espaço que serve à formação de diferentes faixas etárias. A residência acolhe tanto jovens criadores como artistas conceituados.



Ilustração 48 – Entre o céu e a Terra, franja entre dois mundos (Ilustração nossa, 2021).

¹⁸ Henri Lefebvre descrevia a cidade como um espaço de estar e de diversidade no seu livro *O Direito à Cidade*.

¹⁹ Neste sentido vide intervenção de Paula Teles no X Encontro Fora da Caixa (<https://expresso.pt/economia/2020-02-24-Mobilidade-e-o-centro-de-todo-o-ecossistema-das-cidades-do-futuro>)

4.1. CONTEXTO HISTÓRICO

“O estudo de um organismo urbano só se conhece através da dimensão histórica, que na sua intrínseca continuidade se funde com o tempo através de uma sucessão de reações e de crescimentos a partir de um estado anterior” (Muratori, 1959, p. 5)



Ilustração 49 – Macro escala, ([Adaptado a partir de:] Google Earth, 2021).

Algés pertence ao concelho de Oeiras que se insere na área metropolitana de Lisboa, tendo sido constituído em Carta Régia, atribuída pelo Rei D. José I, a 13 de Julho de 1759, um mês depois da elevação de Oeiras à categoria de vila. À data da sua criação, o concelho de Oeiras tinha como limites a nascente o Rio Jamor, a norte o limite do Casal da Veiga (Barcarena), a poente a Ribeira da Laje e a Sul o Tejo. Atualmente, o concelho é constituído por 5 freguesias: União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz-Quebrada/Dafundo, União das Freguesias de Carnaxide e Queijas, União das Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias, Junta de Freguesia de Barcarena e Junta de Freguesia de Porto Salvo²⁰.

As origens de Algés remontam ao tempo da ocupação árabe. Até ao século XVI, a principal atividade aí desenvolvida era a utilização das terras para explorações agrícolas que serviam o abastecimento de Lisboa, sendo poucas as edificações existentes. É por volta do século XVI que se dá a ocupação dos terrenos da encosta até ao vale da ribeira de Algés, “momento em que se inicia a construção de

²⁰ Neste sentido veja-se <https://www.cm-oeiras.pt/pt/municipio/freguesias/>

fortificações ao longo da margem direita do Rio Tejo”²¹, acompanhando o desenvolvimento da atividade industrial e comercial. É, no entanto, apenas no século XIX, com a instalação da via-férrea²², que se criam condições para a ocupação da zona ribeirinha de Algés, assim se dinamizando o aglomerado urbano da zona que, por essa altura, e fruto da privilegiada localização e proximidade de Lisboa, se torna bastante procurada por banhistas. Como consequência da criação de novas infraestruturas e da dinamização daí resultante, são criados novos núcleos de lazer: em 1895 foi inaugurada a Praça de Touros de Algés, por iniciativa do Clube Tauromáquico de Lisboa e em Junho de 1896 foi inaugurado o Velódromo D. Carlos em Algés, recinto onde se realizavam competições de velocípedes.



Ilustração 50 – Praça de touros, 1895-1974. (Arquivo municipal de Oeiras).

²¹ Resumo da história da freguesia de Algés disponível em <https://www.uniao-alcd.pt/home/algés/64-uniao-alcd-algés/672-historia.html>

²² A 21 de Maio de 1892 é inaugurado o caminho de ferro entre Cais do Sodré e Cascais. À data, a estação de Algés era contígua à praia, uma realidade bem diferente quando comparamos com os dias de hoje.

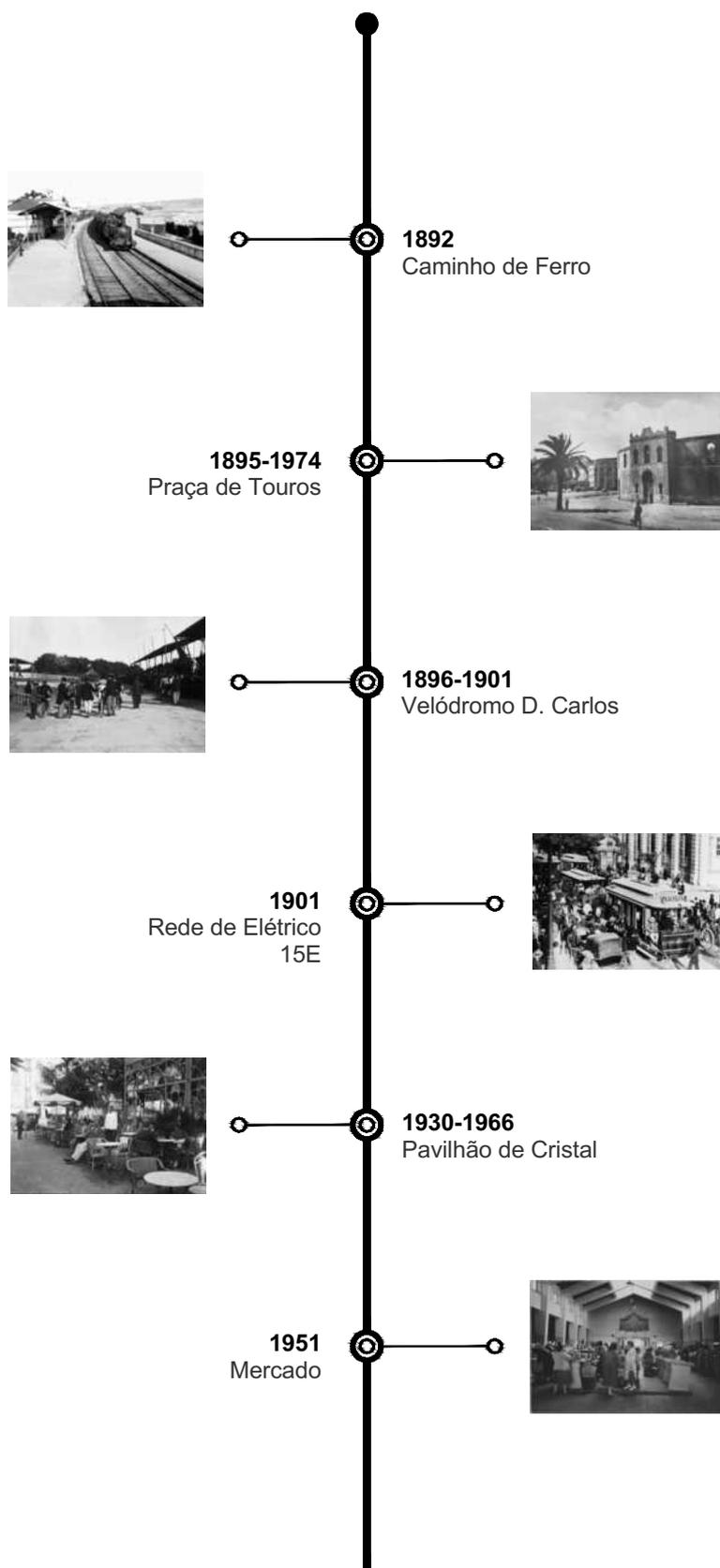


Ilustração 51 - Cronologia dos principais elementos geradores de dinâmicas urbanas em Algés entre os séculos XIX, e XX. (Ilustração nossa, 2021).

Com o desenvolvimento dos transportes terrestres no início do século XX, nomeadamente a carreira de elétrico entre Ribamar e Cais do Sodré²³, Algés torna-se destino para outras classes sociais que não apenas as elites abastadas, alterando assim as dinâmicas sociais aí vividas (ANTUNES, 2011, p. 94), declarando-se “a praia de Algés como a praia suburbana onde se vão banhar os que não podem ir para longe descansar [...] vindo de vários pontos da cidade” (ANTUNES, 2011, p. 100). Assim, com a construção das carreiras de elétrico e ramal de Cascais no caminho de ferro, dá-se um aumento da acessibilidade e respetiva “promoção da sua ocupação urbana [...] em termos de atividade económica e oferta de equipamentos”²⁴.

Algés, no início do século XX era ainda um lugar disponível, repleto de possibilidades para criar um ambiente imaginário criativo, devido à sua privilegiada localização, banhada pelo Tejo e em cumplicidade com a outra margem. Aliás, se recorrermos ao arquivo municipal²⁵, é notória a relação mais próxima que o homem tinha com o rio em Algés na primeira metade do século, quando comparado aos dias de hoje. A linha ferroviária era a barreira visível entre a terra e o mar, mas ao mesmo tempo foi através da sua construção, como suporte do eixo balnear, que se permitiu aos lisboetas a facilidade de acesso à praia de Algés, criando assim o já mencionado desenvolvimento das dinâmicas sociais e ajudando a economia local.



Ilustração 52 - Viaduto de acesso à praia de Algés, 1917. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).

²³ A 31 de Agosto de 1901 é inaugurada a primeira linha de elétrico, funcionando entre Ribamar (Algés) e Cais do Sodré. A propósito do 113º aniversário da inauguração da linha de elétrico, o site do museu da Carris (<http://museu.carris.pt/pt/destaques/113-o-aniversario-da-inauguracao-do-eletrico-de-lisboa/>) dá nota da notícia apresentada à data por órgão da comunicação social da época.

²⁴ <https://www.uniao-alcd.pt/home/algos/64-uniao-alcd-algos/672-historia.html>

²⁵ <https://arquivo.cm-oeiras.pt>

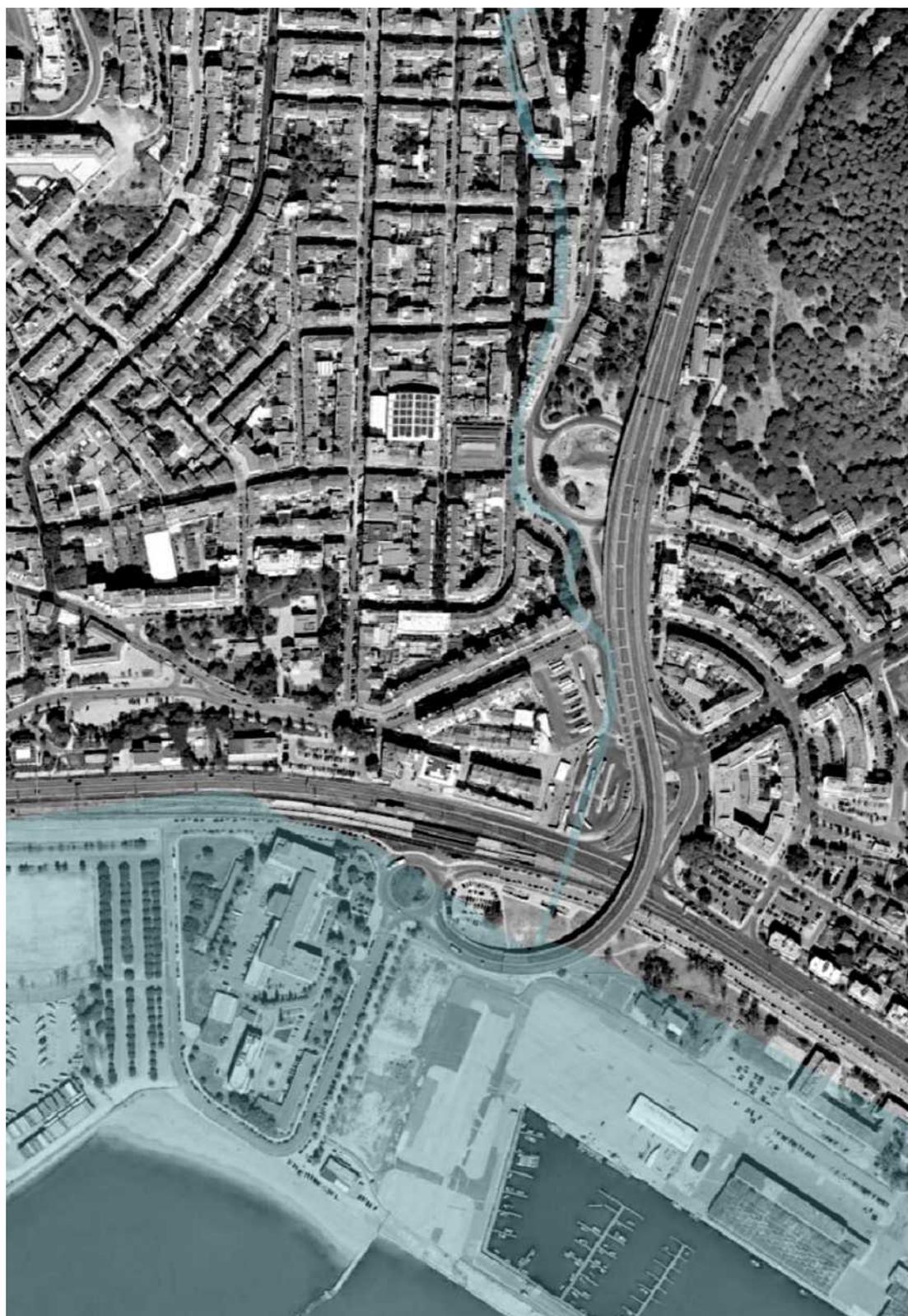


Ilustração 53 - Tecido urbano em 2020 com sobreposição da antiga ribeira de Algés e o rio em 1935. ([Adaptado a partir de:] Google Earth, 2021).

De notar também que a ribeira de Algés, que nasce a norte da serra de Monsanto e que desaguava no rio Tejo, apresentava-se de forma diferente a todos os que

visitavam Algés, sobre ela existindo três pontes que permitiam o seu atravessamento: a antiga ponte de Algés, construída em 1608, a ponte da estrada real, por onde se fazia a passagem de veículos e peões e a ponte do viaduto (caminhos de ferro). Também era possível observar que, entre a ribeira e o antigo quartel dos bombeiros voluntários de Algés, existia um lavadouro público que para além de prestar serviço à população era sobretudo um lugar de encontro e convívio social, principalmente por parte das mulheres do povo onde se partilhavam as histórias do seu dia-a-dia enquanto tratavam das ruas roupas, afigurando-se como um elemento importante para a história e memória do local.



Ilustração 54 - Antiga estrada da carapuça e atual avenida dos bombeiros voluntários de Algés. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).



Ilustração 55 - Exterior do Lavadouro de Algés, 1941. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).



Ilustração 56 - Interior do Lavadouro, 1941. (Arquivo Municipal de Oeiras).

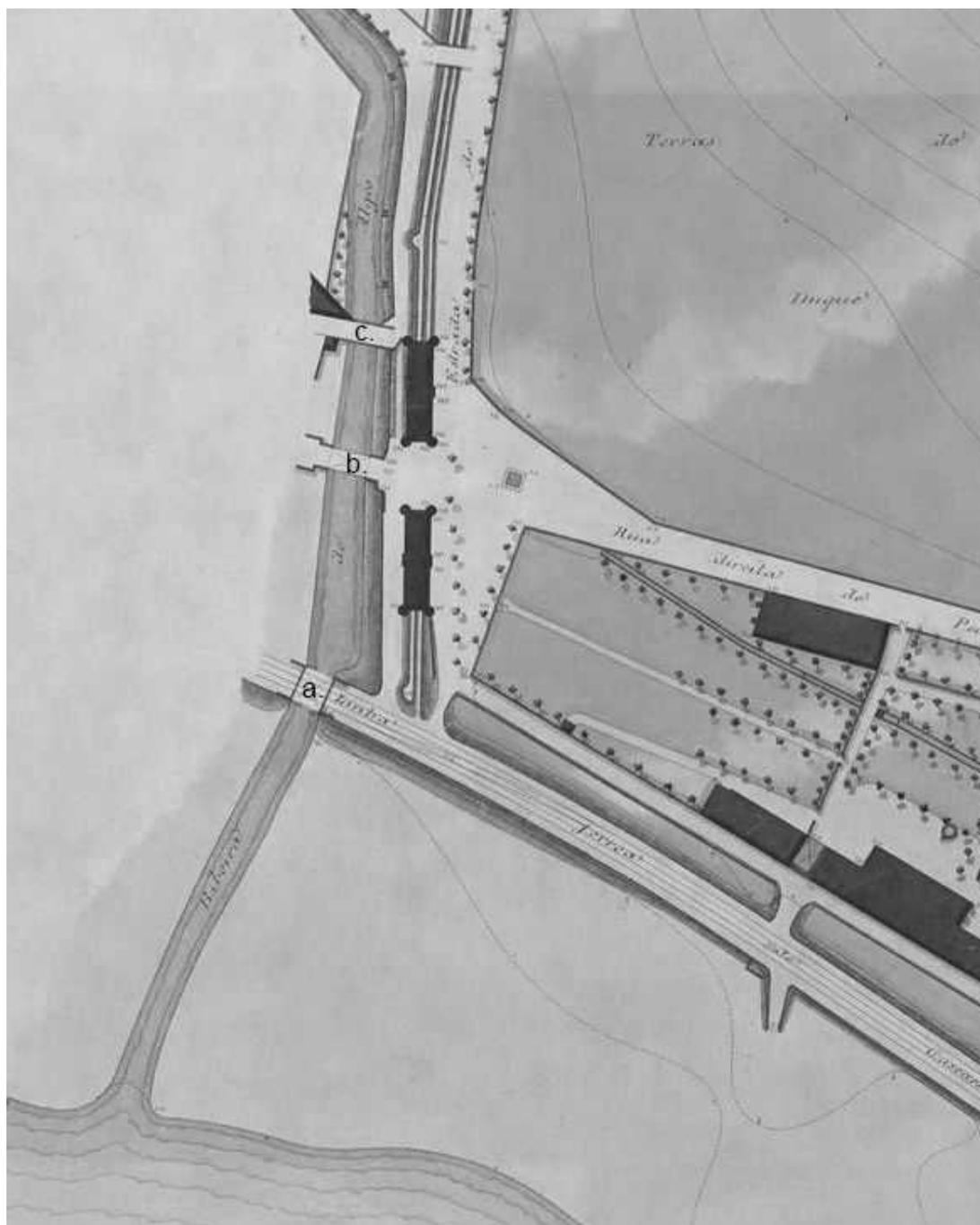


Ilustração 57 - Planta das portas de Algés, 1908. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).



Ilustração 58 - Antigas Pontes de Algés. ([Adaptado a partir de:] Arquivo Municipal de Oeiras).
a. Ponte do viaduto.
b. Ponte da estrada real.
c. Ponte de Algés (1608).

A existência destas pontes, bem como dos lavadouros, parece, nos dias de hoje um cenário distante, longínquo, já não se afigurando vestígios dos mesmos. Algés é ainda a porta de entrada do concelho de Oeiras para quem se desloca de Lisboa, sendo, no entanto, visível a evolução do traçado urbano nesta zona de fronteira entre Oeiras e Lisboa, nas chamadas “portas de Algés”.



Ilustração 59 - Algés, vista aérea, 1933 e 2020. (Arquivo Municipal de Oeiras).



Ilustração 60 - Evolução do traçado urbano da baixa de Algés. (Ilustração nossa, 2021).

a. Traçado urbano 1935.

b. Traçado urbano 2020.



Ilustração 61 - Diagrama do edificado. (Ilustração nossa,2021).
a. 1935.
b. 2020.

A par do desenvolvimento de acessos em termos de transportes terrestres, como já tivemos oportunidade de observar, é também com a construção da Estrada Marginal (que faz a ligação entre Lisboa e Cascais) que se intensifica a expansão dos centros urbanos. É por volta dos anos 20 que se começam a verificar expropriações com vista ao crescimento urbano, surgindo diversas alterações à vida em Algés. “Surgem os primeiros bairros ao longo da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, onde encontravam-se restaurantes, cabarés e um casino [...] instalado no Palácio Ribamar (atual Biblioteca Municipal)”²⁶. Fruto da sua privilegiada localização e acessibilidade, Algés “foi dos primeiros lugares do Concelho de Oeiras a transformar-se em área residencial de grande densidade, através de uma densificação intensiva da malha

²⁶ VAZ, Simone Carvalho Dias (2015) Cidades para pessoas: Estudo de caso da Baixa de Algés, dissertação de mestrado publicada pela Universidade Aberta- Departamento de Ciências e Tecnologias, p. 50

existente, com a construção de edifícios [...] à custa da destruição de algum edificado da época, enquanto o crescimento simultaneamente migra para a zona da antiga ribeira de Algés - Miraflores” (VAZ, Simone, 2015, p. 50).



Ilustração 62 –Ambientes, Portas de Algés.
(Ilustração nossa, 2021).

4.2. BAIRRO ARTE

A nossa intenção é, através da proposta de um Masterplan, dar resposta ao programa proposto no âmbito da disciplina de projeto, gerando assim vida urbana onde agora só existe vazio expectante, propondo uma teia de acontecimentos entre pessoas e o espaço urbano através da ideia de percurso de Le Corbusier, que vai ao encontro de um contexto topográfico que se criou, saindo do plano para uma tridimensionalidade habitada

Neste sentido, pretende-se reinventar este fragmento humanizado da vila de Algés assumindo-se a proposta como um equilíbrio delicado entre Arquitetura, tempo e natureza.

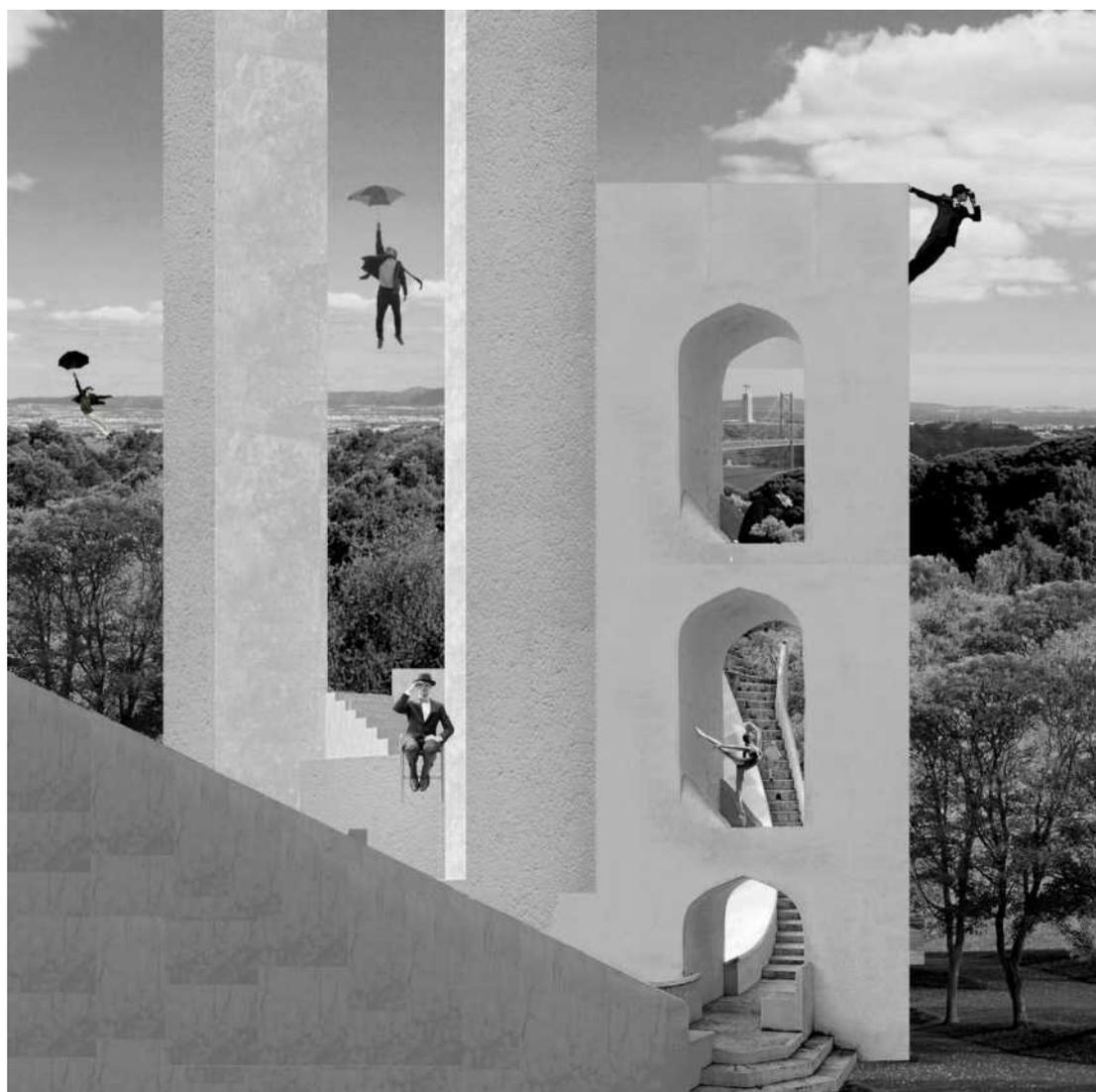


Ilustração 63 – Uma colagem como veículo do imaginário. (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 64 - Diagrama do edificado, Baixa de Algés. (Ilustração nossa, 2021).

■ Mercado de Algés

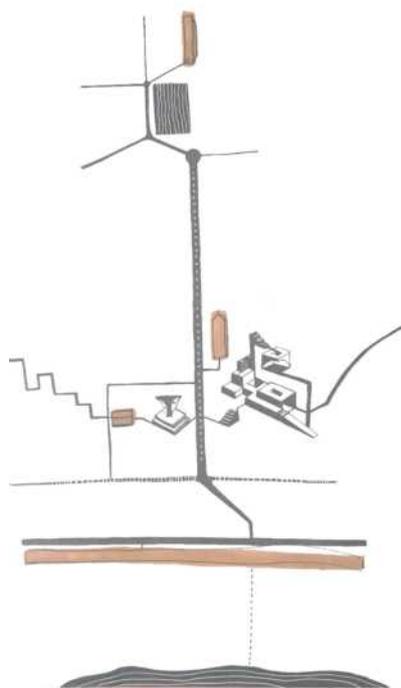


Ilustração 65 - A avenida como elemento estruturante do sistema, cardo, decumano. (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 66 - Traçado urbano da baixa de Algés com indicação da área de intervenção. (Ilustração nossa, 2021).

■ Mercado de Algés



Ilustração 67 – Topografia. (Ilustração nossa, 2021).

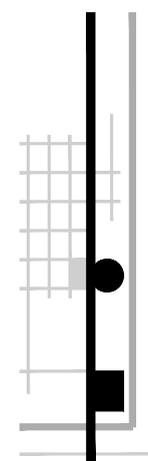


Ilustração 68 – Malha conceptual. (Ilustração nossa, 2021).

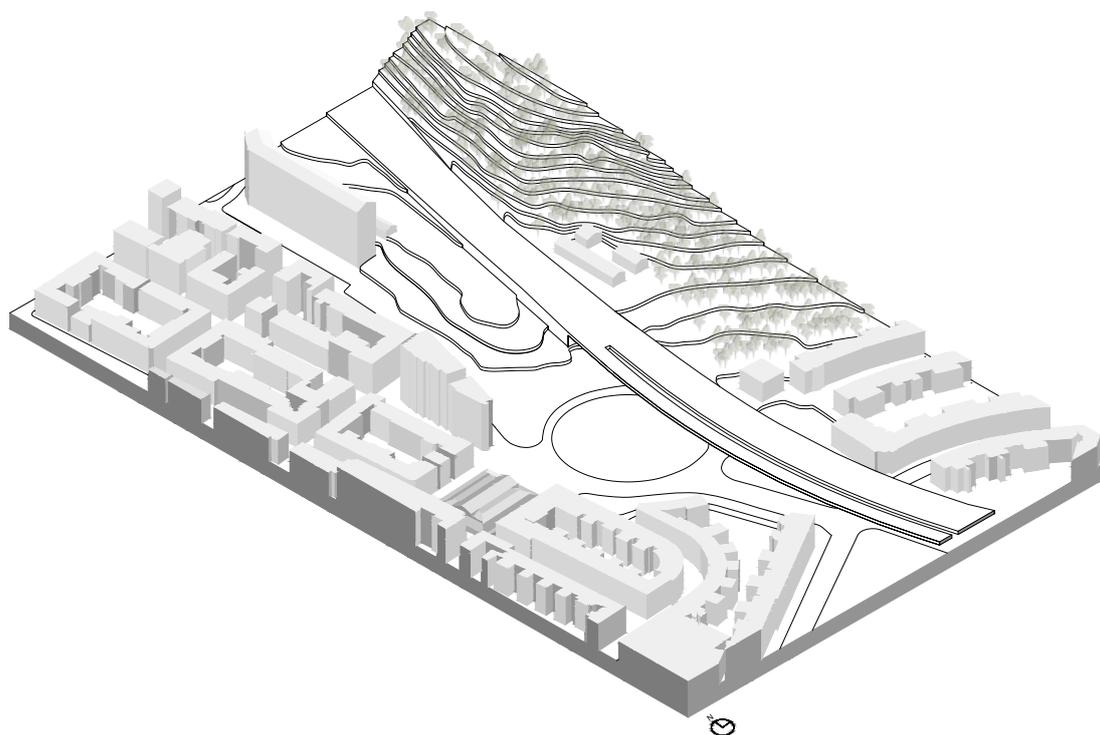


Ilustração 69 – Área de estudo. (Ilustração nossa, 2021).

Na área de estudo, um lugar despido de vida, surge como resposta a esse problema a intenção de gerar uma nova e estimulante vida urbana. Tendo isso em vista, propôs-se o prolongamento da avenida dos bombeiros voluntários através da eliminação da rotunda com o objetivo de criar mais espaço para circulação pedonal. Uma torre, enquanto elemento icónico remata os edifícios dessa mesma avenida, a residência enquanto solução para as empenas cegas e o espaço verde como continuidade da paisagem da serra de Monsanto. A gestão deste programa sugere uma articulação que é pretexto para uma renovação urbana do lugar transformando o atual vazio num lugar repleto de vida. Propomos um jogo de vivências, devolvendo o caminhar e a pausa.

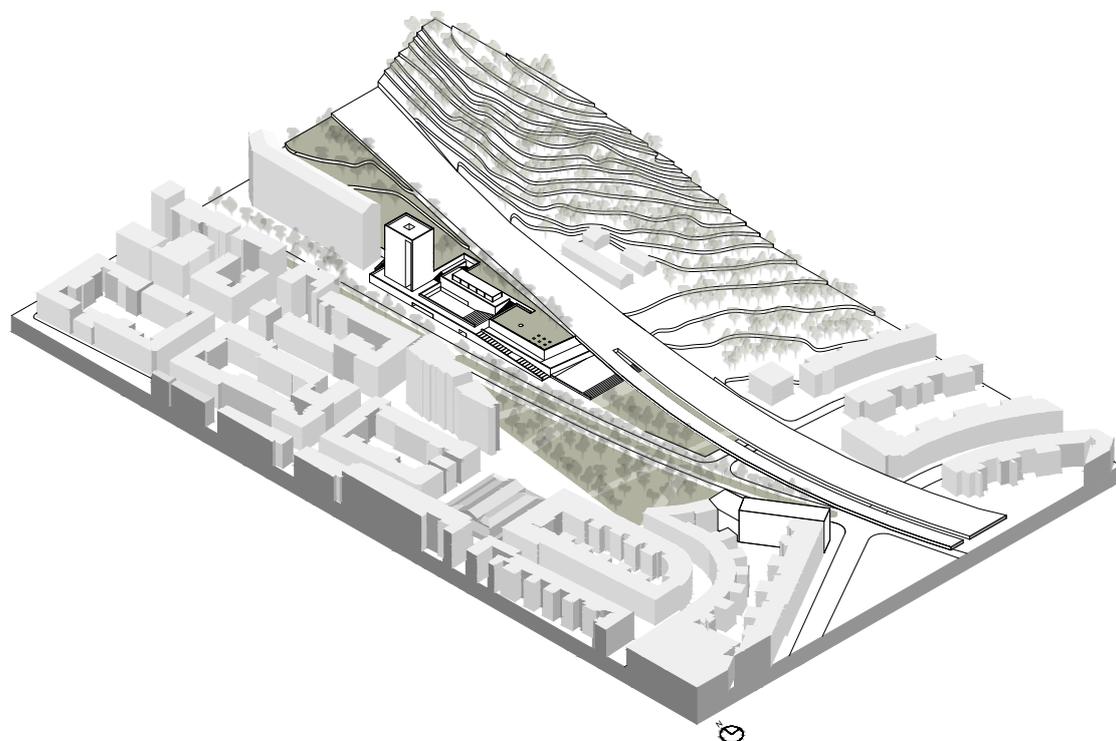
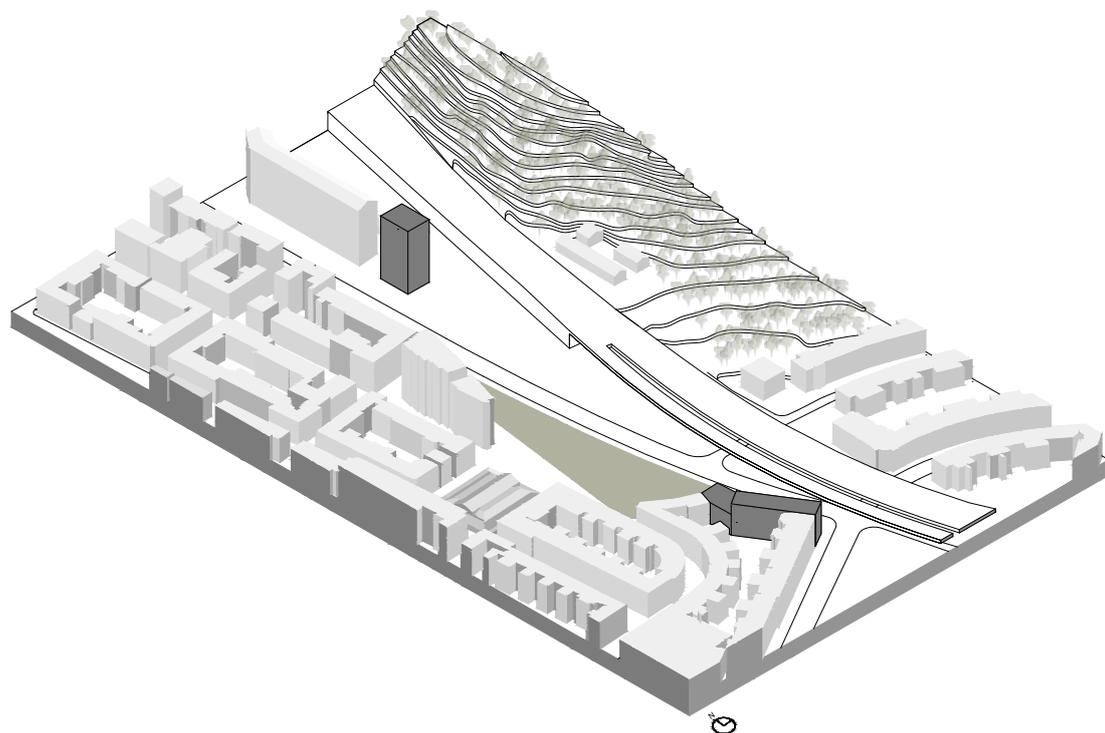


Ilustração 70 - Proposta Bairro Arte. (Ilustração nossa, 2021).

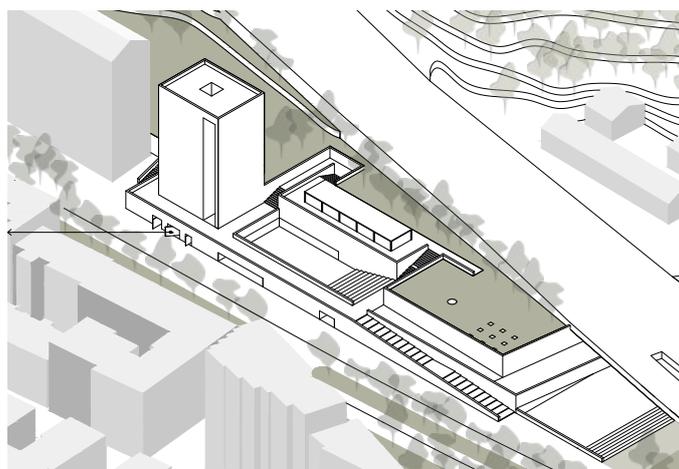
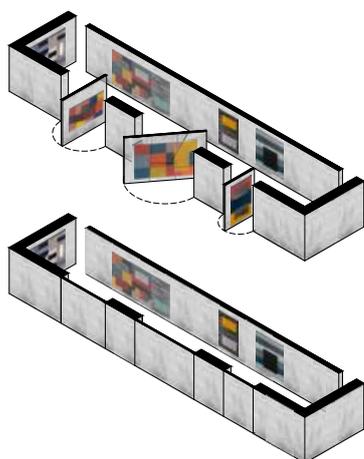
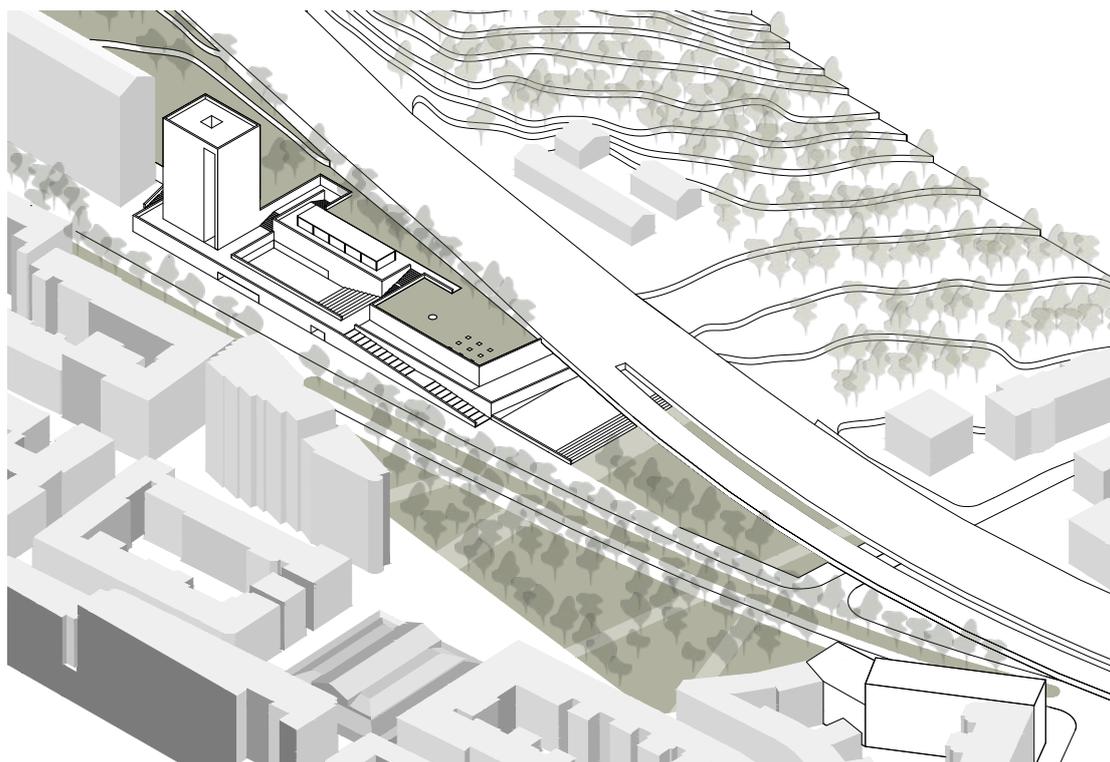


Ilustração 71 - Bairro Arte. (Ilustração nossa, 2021).

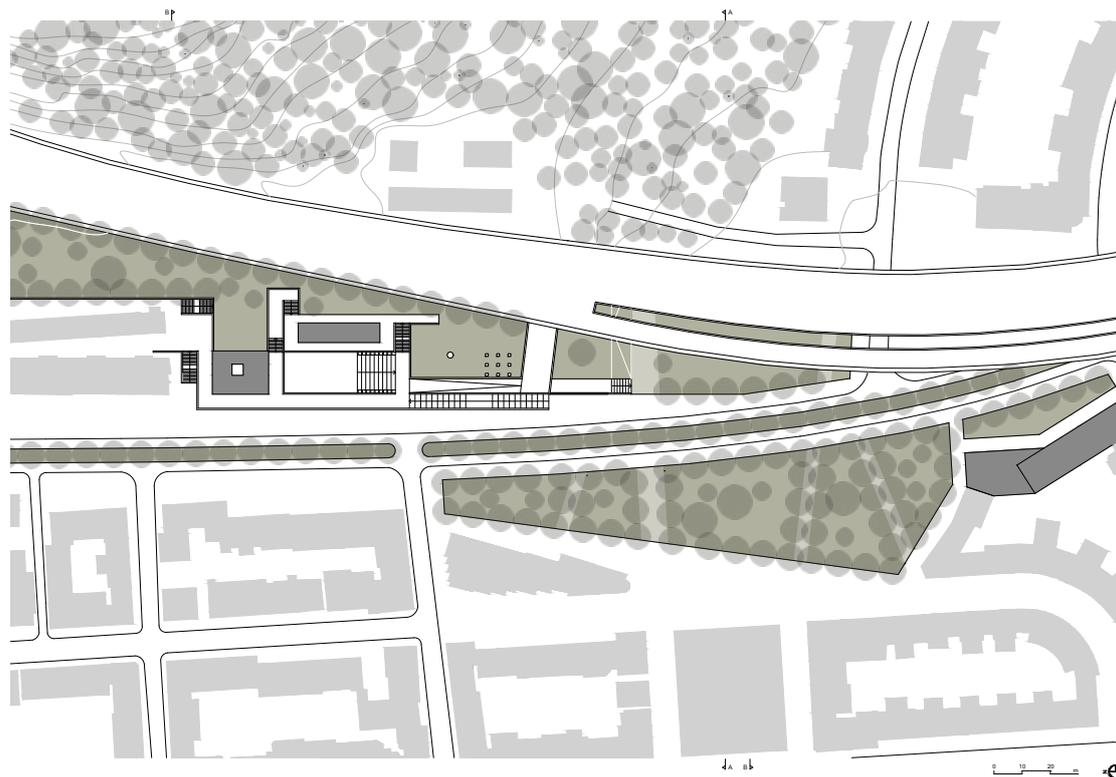


Ilustração 72 – Implantação. (Ilustração nossa, 2021).

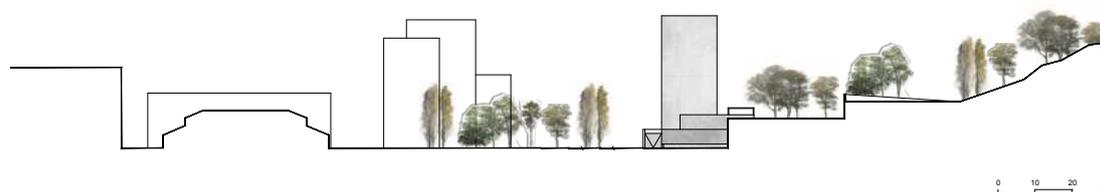


Ilustração 73 – Secção A-A'. (Ilustração nossa, 2021).

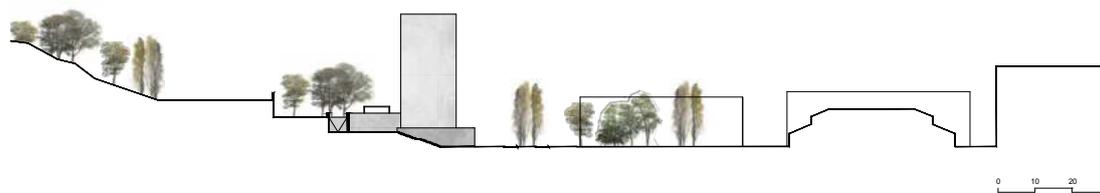


Ilustração 74 - Secção B-B'. (Ilustração nossa, 2021).

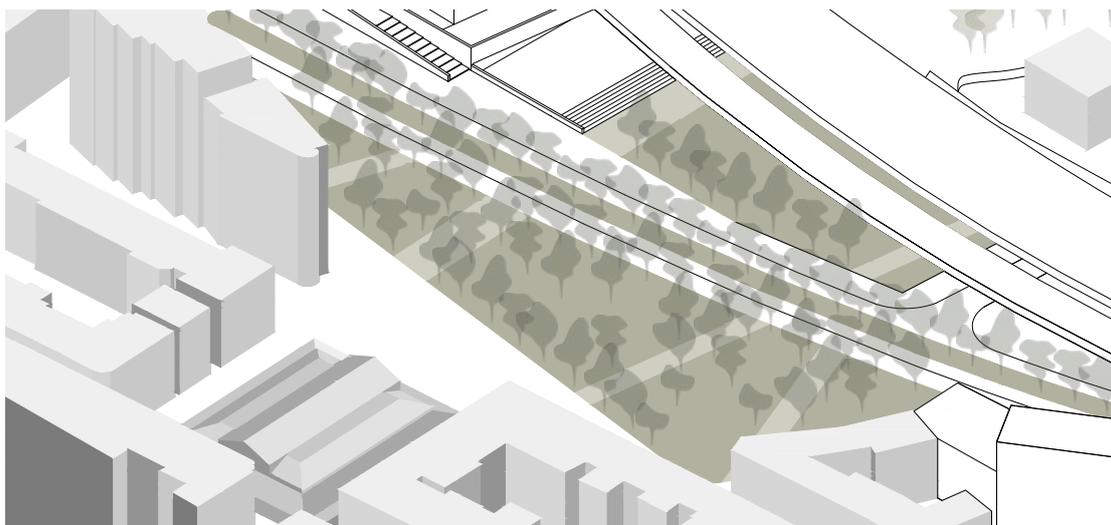


Ilustração 75 – Jardim, proposta. (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 76 - Secção A-A'. (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 77 - Secção C-C'. (Ilustração nossa, 2021).

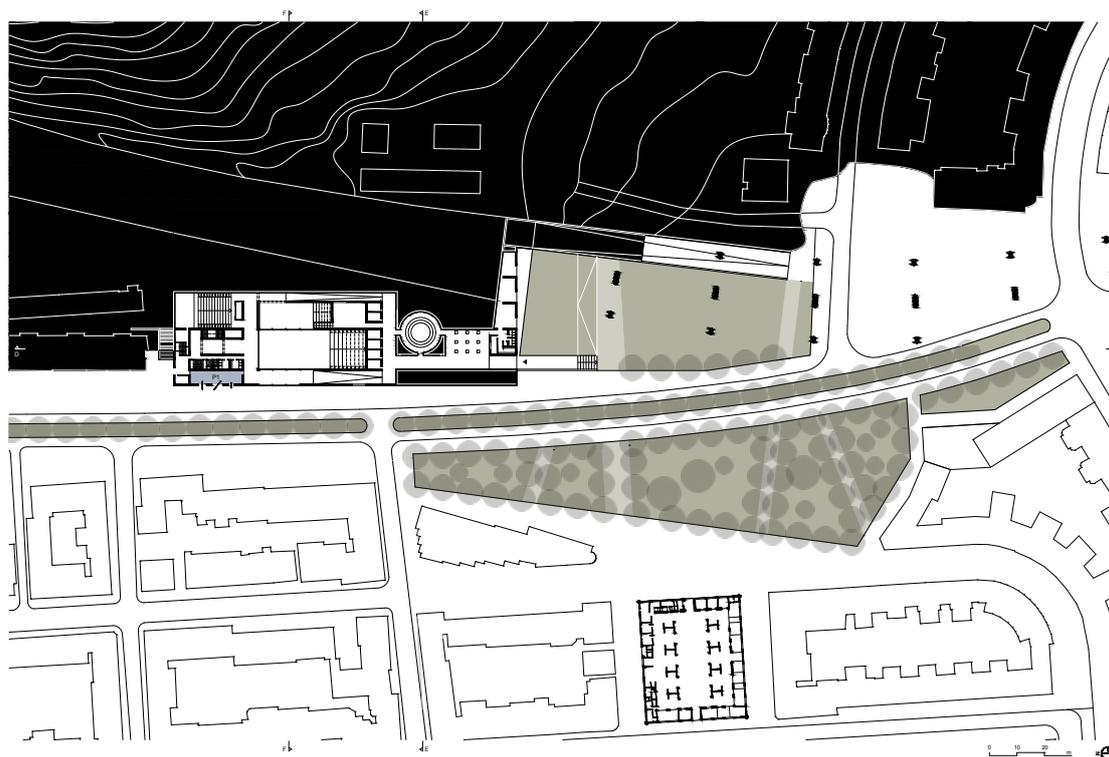


Ilustração 78 - Planta do piso térreo. (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 79 - Secção D-D'. (Ilustração nossa, 2021).

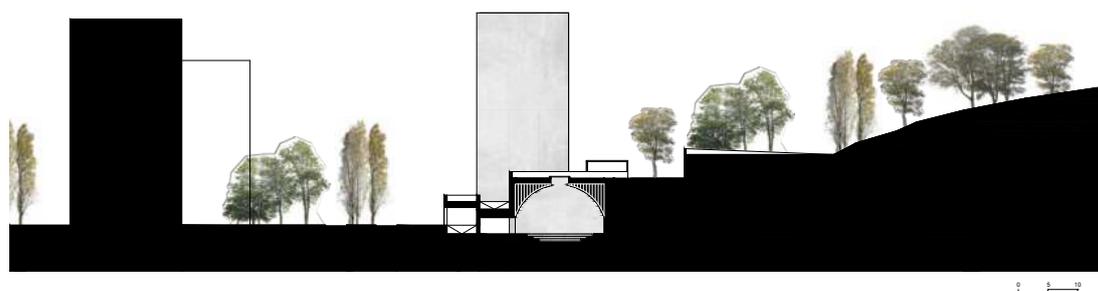


Ilustração 80 - Secção E-E'. (Ilustração nossa, 2021).

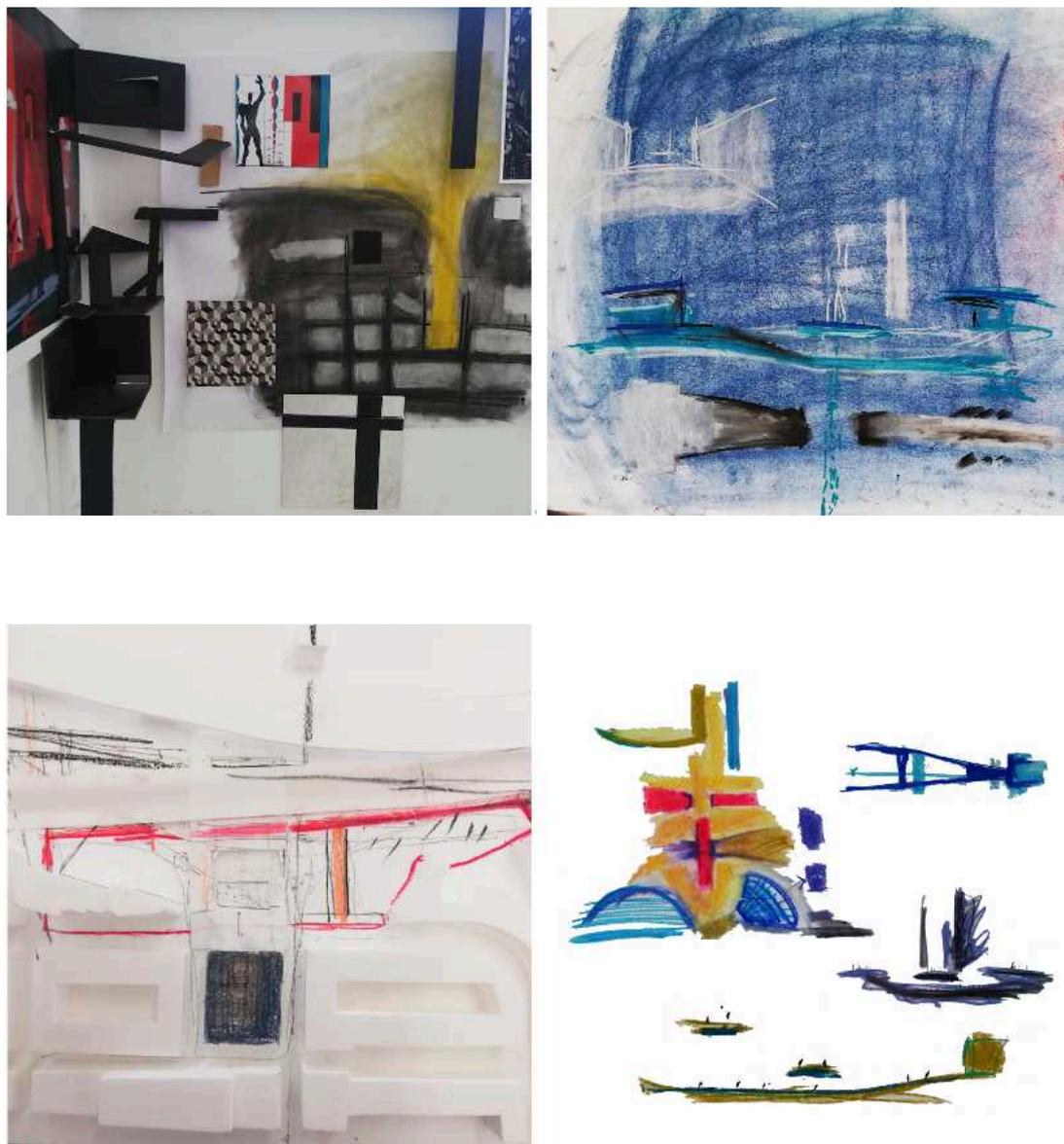


Ilustração 81 – Ensaaios. (Ilustração nossa, 2021).

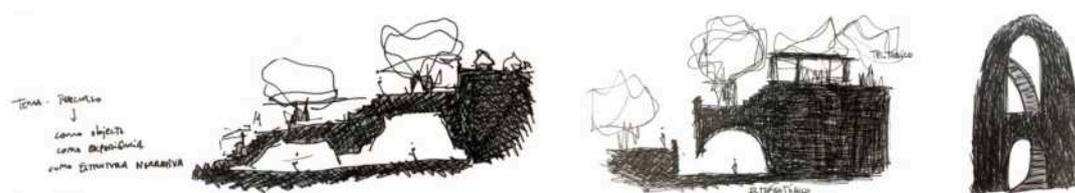


Ilustração 82 - Estereotómico e tectónico (Ilustração nossa, 2021).

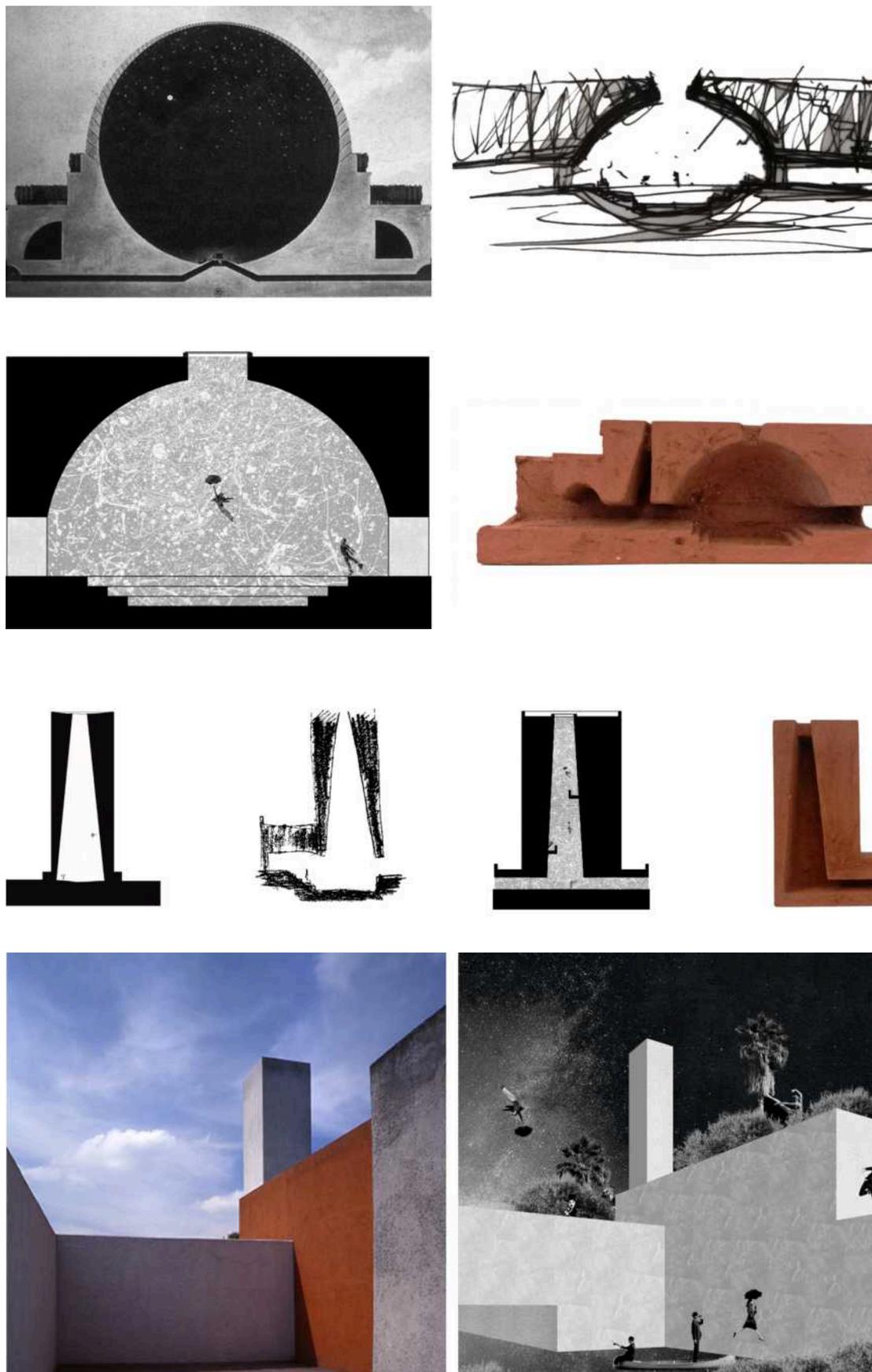


Ilustração 83 - Mausoléu para Newton, Etienne-Louis Boullée, Capela Bruder Klaus, Peter Zumthor e casa e estúdio no México de Luis Barragán como estímulo. (Ilustração nossa, 2021).

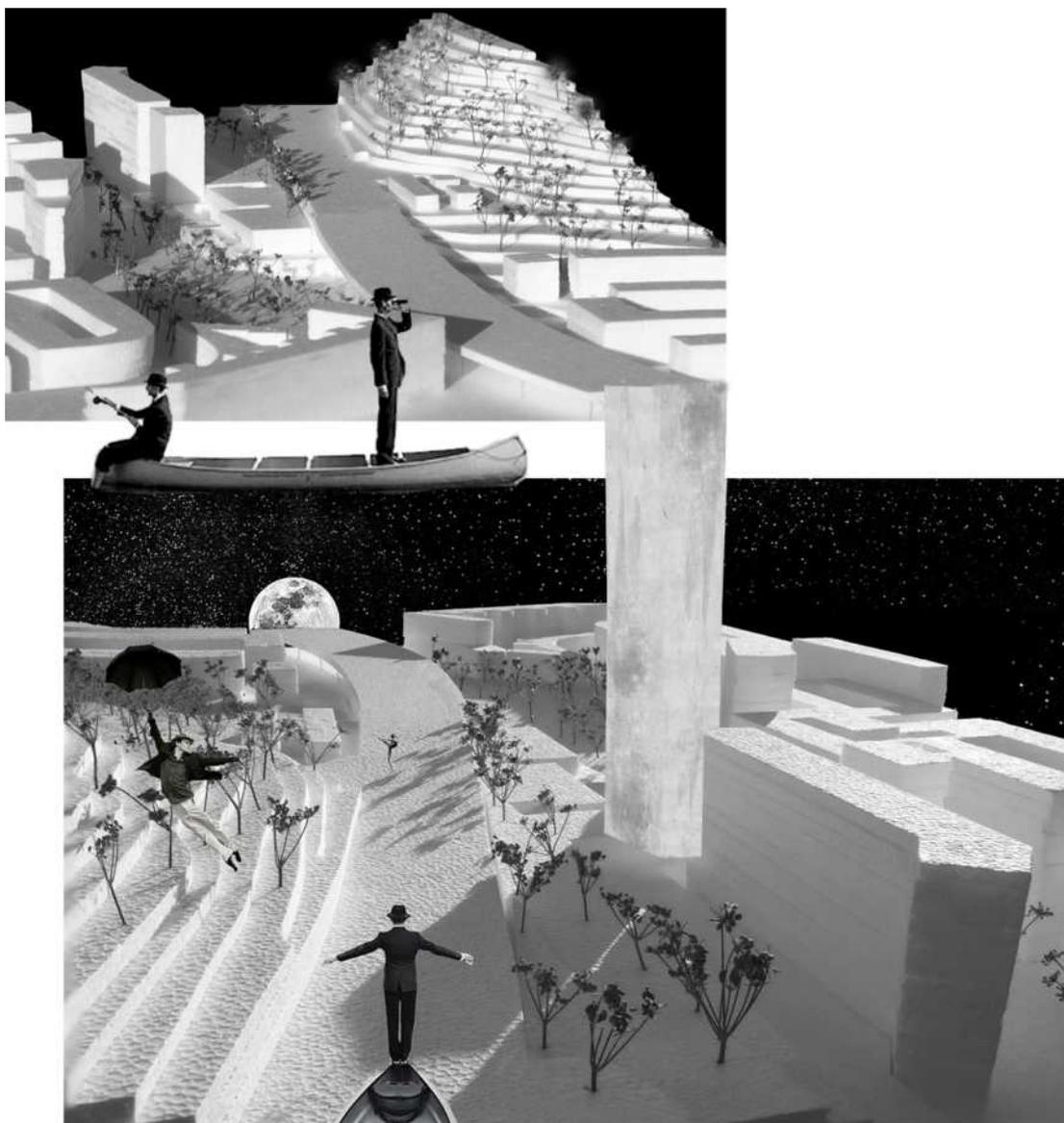


Ilustração 84 – Maqueta de estudo. (Ilustração nossa, 2021).



Ilustração 85 – Referências (Ilustração nossa, 2021).

5. POSFÁCIO

Como tivemos oportunidade de referir, esta dissertação surgiu com base no trabalho desenvolvido ao longo do 5º ano na disciplina de projeto 3/A. Tendo como área de estudo um fragmento da vila de Algés, pretendia-se através de ensaios projetuais revitalizar, dinamizar e humanizar o bairro respeitando o seu passado, mas aumentando a diversidade funcional das ruas, promovendo a economia local e devolvendo ao homem a cidade, o espaço público através do caminhar. Deste modo, reconhecendo que espaço e homem são indissociáveis, procurámos entender de que forma este se relaciona com o espaço desde os primórdios da humanidade e como se foram criando as primeiras sociedades e cidades. Assim, concluímos ser absolutamente indispensável que o arquiteto, enquanto criador de espaços, seja capaz de compreender o modo como o homem se relaciona com espaço urbano, numa relação interdisciplinar com a antropologia, assim assumindo um papel ativo na devolução da identidade do homem trazendo-o de volta à cidade e pensando esta para aquele.

Da nossa análise e investigação, percebemos que a sociedade contemporânea vive no abismo do excesso e num individualismo profundo que se caracteriza pela perda de interesse pelo ambiente que nos rodeia, pelo que assumimos a importância de compreender a complexidade das dimensões sociais, simbólicas e identitárias do espaço no lugar antropológico e dos novos não lugares. Considerando tudo isto, verificamos que o fragmento da vila de Algés que constitui a nossa área de estudo é de facto exemplo da ausência de sentido do espaço urbano sendo também reflexo de memórias coletivas esquecidas e apagadas. Assim, com este ensaio projetual, através de uma leitura interpretativa do passado da baixa de Algés, repensou-se o espaço público aumentando as áreas públicas e espaços de circulação pedonal, revitalizando o comércio (mantendo o mercado de Algés enquanto elemento de destaque e marcante elemento gerador do espaço urbano) e áreas verdes, havendo maior aproveitamento para o homem e assim afastando o ruído e poluição causados pela utilização comum de veículos automóveis nesta área. Tendo em vista a primazia do homem e da sua circulação no espaço, a nossa proposta teve ainda por base a ideia de percurso de Le Corbusier, integrando a sede das artes na envolvente, criando-se também uma cobertura enquanto espaço de contemplação da cidade e do rio, que sugere assim uma pausa e permite a devolução de sentido ao atual vazio.

Desenhou-se um lugar que permite ir de encontro ao nosso objetivo de devolver a “cidade ao Homem”, de criar a “cidade com qualidades”, tudo isto, através do entendimento da antropologia do espaço na sua relação com a arquitetura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Alexandra (2011) - Análise territorial de Algés antes do surto construtivo do século XX. Revista arquitectura Lusíada [Em linha]. ISSN 1647-9009. 3 (2.º semestre 2011) 93-102. [Consult. 18 jun. 2021]. Disponível em WWW:<URL:<http://hdl.handle.net/11067/455>>.

AUGÉ, Marc (2016) – Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa : Livraria Letra Livre. ISBN 9789898268143.

BENEVOLO, Leonardo (2018) – A Cidade e o Arquitecto. Lisboa : Edições 70. ISBN 9789724413327.

BENEVOLO, Leonardo ; ALBRECHT, Benno (2002) – As origens da Arquitectura. Lisboa : Edições 70. ISBN 9724411664.

CALVINO, Italo (2016) – As Cidades Invisíveis. Alfragide : Dom Quixote. ISBN: 9789722057097.

CAMPO BAEZA, Alberto (2018) – A ideia construída. Lisboa : Caleidoscópio. ISBN 9789896585396.

CAMPO BAEZA, Alberto (2019) – Principia Architectonica. Lisboa : Caleidoscópio. ISBN 9789896582234.

CARERI, Francesco (2018) – Walkscapes. O caminhar como prática estética. Barcelona : Editorial Gustavo Gili. ISBN: 9788565985161

CASALS, Josep María (2018) - La Cueva de Lascaux, el mayor museo del arte prehistórico. Historia National Geographic [Em linha]. (23 feb. 2018). [Consult. 18 jun. 2021]. Disponível em WWW:<URL: https://historia.nationalgeographic.com.es/a/cueva-lascaux-mayor-museo-arte-prehistorico_6471/3>.

CULLEN, Gordon (2006) – Paisagem Urbana. Lisboa : Edições 70. ISBN: 9789724414010

FRANCE. Ministère de la Culture. Musée d'Archéologie Nationale (2021) - La cueva de Lascaux [Em linha]. Paris : Ministère de la Culture. [Consult. 18 jun. 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://archeologie.culture.fr/lascaux/es/cueva-lascaux>>.

GIL, Filipe (2020) – Cidadãos querem discutir as mudanças que estão a acontecer em Algés [Em linha]. [S.l.] : Lisboa : Diário de notícias. [Consult. 29 Fev. 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.dn.pt/cidades/cidadaos-querem-as-mudancas-que-estao-a-acontecer-em-alges-11817767.html/>>.

HALL, Edward (1986) – A Dimensão Oculta. Lisboa : Relógio D'Água. ISBN: 9789727081233.

LANDRY, Charles (2017) – A cidade digital: Impacto e Influência. Lisboa : Building Ideas. ISBN: 9789899972995.

LANDRY, Charles (2017) – As Origens e os Futuros da Cidade Criativa. Lisboa : Building Ideas. ISBN: 9789899974326.

LANDRY, Charles (2017) – “É preciso pensar a cidade com todos e para todos” [Em linha]. [S.l.] : Lisboa : Publico. [Consult. 8 Fev. 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.publico.pt/2017/11/26/sociedade/noticia/e-preciso-pensar-a-cidade-com-todos-e-para-todos-1792781/>>.

LEFEBVRE, Henri (2012) – O direito à cidade. Lisboa : Livraria Letra Livre. ISBN: 9789898268150.

LIPOVETSKY, Gilles (2013) - A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa : Edições 70.

MONTANER, Josep (1998) - La modernidade superada. Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX. Barcelona : Editorial Gustavo Gili. ISBN: 8425216966.

OLIVEIRA, Tiago (2020) – “Mobilidade é o centro de todo o ecossistema” das cidades do futuro. [Em linha]. [S.l.] : Lisboa : Expresso. [Consult. 14 Mar. 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://expresso.pt/economia/2020-02-24-Mobilidade-e-o-centro-de-todo-o-ecossistema-das-cidades-do-futuro/>>.

PETERSON, Steven Kent (2018) - Space and anti-space. In Peterson Littenberg Architecture and Urban Design [Em linha]. New York : Peterson Littenberg Architecture and Urban Design. This article was first published in the 1980 Harvard Architectural Review. It was amplified and updated in 2018. [Consult. 14 ago. 2021]. Disponível em WWW:<URL:http://petersonlittenberg.com/Architecture-UrbanDesign/Space_Anti-Space_TOC_files/Space%20and%20Anti-Space.pdf>.

POETA, Edoardo (2020) - La Singoletta del 1962: com'era fatta e chi la ideò [Em linha]. [S.l.] : Il futuro è sempre esistito. [Consult. 19 jul. 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.futuroesistito.it/singoletta-come-era-e-ideatore/>>.

ROSSI, Aldo (2001) - A Arquitectura da Cidade. Lisboa. Edições Cosmos. ISBN: 9789727621262

SÁ, Teresa (2006) – Lugares e não lugares. ArtiTextos [Em linha]. 3 (dezembro 2006)179-188. [Consult. 18 jun. 2021]. Disponível em WWW:<URL: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1831/1/FAUTL_13_B_TeresaSa.pdf>.

SILVANO, Filomena (2017) - Antropologia do Espaço. Lisboa: Documenta. ISBN 9789898834843.

TELES, Paula (2021) – A urgência do planeamento da mobilidade urbana na resiliência das cidades [Em linha]. [S.l.] : Lisboa : Jornal de Negócios. [Consult. 14 Mar. 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/detalhe/a-urgencia-do-planeamento--da-mobilidade-urbana--na-resiliencia-das-cidades/>>.

TUAN, Yi-Fu (1983) - Espaço e lugar : a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel. ISBN 9789898834843.

VITRÚVIO (2009) - Tratado de Arquitectura. Lisboa: IST - Instituto Superior Técnico. ISBN: 9789728469436.

ZÚQUETE, Ricardo (2014) - “A cidade sem qualidades” : ensaio teórico e analítico sobre um fragmento de Lisboa Avenida Fontes Pereira de Melo [Em linha]. [S.l.] : UPC. [Consult. 14 ago. 2021]. Disponível em WWW:<URL:https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/112767/22_ZUQUETE.pdf>.

ZÚQUETE, Ricardo (2014) - Natureza humana. In NEVES, Victor Manuel Canedo, coord. - Natureza. Lisboa : Universidade Lusíada. ISBN 878-989-640-169-6. p. 107-120.